O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 13 DE FEVEREIRO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:347

Factos & Criticas

Vamos hoje continuar, e concluiremos no proximo numero, a demonstração de que avisámos e tornámos a avisar os republicanos, de que insistentemente os avisámos, da sua pessima politica durante o governo de João Franco e de que todos esses avisos foram escusados. Foi inutil. E será inutil, tudo, nas mesmas circumstancias.

A politica do partido republicano em face de João Franco foi tudo quanto ha de menos patriotico e de menos democratico. Mas anti-patriotica e anti-democratica foi sempre a conducta do partido republicano. Foi, é, e será. O partido republicano é um grupo de bandidos.

E' mais uma quadrilha organisada para explorar, em exclusivo proveito proprio, esta patria. Abra os olhos quem quizer. E verá que o partido republicano *não é mais nada.*

Em 3 de fevereiro de 1907, diziamos:

« A massa republicana estava convencidissima de que o sr. Affonso Costa tinha a revolução no bolso, quando, em pleno parlamento, este affirmou que havia muitos mais motivos para levar o sr. D. Carlos ao cadafalso do que os houvera para lá levar Luiz XVI. Quem havia de suppor que o sr. Affonso Costa levava a tensão revolucionaria até esse ponto para no dia seguinte o partido republicano aturar as cargas de cavallaria, a lei d'imprensa, as farroncas de João Franco, tudo quanto o poder quizesse? Ninguem. Nem o mais bronco dos correligionarios . . .

A tão apregoada habilidade parlamentar do sr. Affonso Costa, que realmente é um homem de valôr e que, realmente, algumas vezes tem dado provas de habilidade, soffria n'esse dia um grande cheque. Por simples destaque pessoal, por mera ambição de popularidade, como liquidação d'aggravos individuaes, ou para desmentir o supposto capillé das *Novidades*, não se colloca um partido inteiro na grave situação em que o collocou o sr. Affonso Costa. Isso é a ausencia, não só de toda a habilidade, parlamentar ou não parlamentar, como de todo o senso commum.

Quem tem juizo não provoca acintosamente as coleras dos outros se não tem forças para as repellir. Principalmente quando os outros nos estão tratando pela fórma porque a maioria parlamentar, e toda a camara, estava tratando a minoria republicana, de que resultou um prestigio que se traduzia em mais um acto de boa propaganda . . .

O sr. Affonso Costa tinha razão, muita razão, para interpellar energicamente o governo sobre o caso famoso dos adeantamentos. Mas podia e devia fazel-o sem descambar n'uma situação revolucionaria, sabendo muito bem que o partido republicano não estava preparado para uma situação d'essas. Porque então teriamos o caso do rifão popular: *entradas de leão e paradas de sendeiro.* E entrar como um leão e parar como um sendeiro é tudo quanto ha de mais desprestigioso para um homem, quanto mais para um partido, e para um partido de grandes e generosas reivindicações nacionaes. »

No emtanto, *nunca* teve outras *paradas* o partido republicano.

João Franco assumiu, emfim, a dictadura. E nós diziamos immediatamente, em 19 de maio de 1907:

« Está, emfim, proclamada a dictadura. E sobre esse facto borda cada um os commentarios que mais conveem ao seu interesse ou aos interesses da sua facção.

Sabem os leitores muito bem que não succede comnosco a mesma coisa. Somos a unica pessoa, — e temos n'isso um especial prazer, — que diz o que pensa, só o que pensa, no jornalismo portuguez, agrade a quem agradar e desagrade a quem desagradar.

Reprovâmos, escusado é dize-lo, abertamente a dictadura. Por isso mesmo aconselhámos insistentemente os dirigentes republicanos, como meio possivel e provavel de a evitar, a que se mantivessem rigorosamente no campo dos principios, fugindo de todos os erros e excessos que podessem provoca-la ou justifica-la. E, por isso mesmo, impomos agora aos dirigentes republicanos a completa responsabilidade do seu procedimento.

Responsabilidade tremenda, diga-se com inteira verdade e com inteira justiça. Em consciencia, ninguem póde dizer que não sejam os dirigentes republicanos os maiores culpados da dictadura. Quem quizer ver as coisas serenamente, livre de todas as paixões, ha de reconhece-lo e confessa-lo. Poderia vir a dictadura, por mais correcta que houvesse sido a attitude dos republicanos. Poderia. Não só era possivel, como era provavel. Admittimos sempre, como se sabe, essa hypothose. Mas alem de não ser o *mais provavel*, outra, muito outra, seria, n'esse caso, a situação dos republicanos. Ninguem lhes poderia imputar responsabilidades, — exactamente o que convinha, — d'um facto odioso e perigoso. Odioso sob o ponto de vista dos principios. Perigoso sob o ponto de vista dos interesses do paiz e dos proprios interesses do partido republicano, que só teria a ganhar se tivesse elementos para fazer a revolução, que tanto apregoava. Não os tendo, se não perdeu tudo perdeu muito mais do que ganhou.

Convinha, pois, que se não podesse attribuir aos republicanos nem a exclusiva responsabilidade, nem a maior culpa, e nem sequer parte da culpa do que aconteceu. Infelizmente, todos estão auctorisados a attribuir-lhe toda a culpa com probabilidades de acertar, e, pelo menos sem duvidas para ninguem, a melhor parte ou uma boa parte d'essa culpa.

Isto na melhor hypothese, queremos dizer, mesmo no caso da dictadura se consummar por mais habil e prudente que houvesse sido a conducta do partido republicano. Mas consummar-se-hia?

João Franco tinha toda a conveniencia em se manter dentro das suas promessas. Toda a conveniencia. E' preciso não o esquecer. Fosse ou não fosse sincero nos seus apregoados propositos liberaes. Iniciava um periodo novo. E isso nobilitava-o. E isso dava-lhe força. Era a unica maneira de não se confundir com os outros chefes monarchicos. Sahir d'ahi era perder-se. Era matar-se. Porque para governar á moda de José Luciano e de Hintze Ribeiro lá estava José Luciano e lá estava Hintze Ribeiro. Resultava inutil João Franco. Inutil e ridiculo.

Não teria visto isto João Franco? Quem o póde admittir?

Mas podia João Franco manter-se no campo liberal depois da attitude aggressiva, desordenada, violenta, provocadora dos republicanos? Não. Tambem é preciso ser tolo ou velhaco para não o reconhecer. Não, que não lh'o permittiam as intrigas dos monarchicos e as intrigas das camarilhas palacianas. As intrigas dos monarchicos e as suas violencias. Porque no fim de contas a especulação monarchica era tão violenta e tão desordenada como a asneira republicana. E ainda por causa d'esta asneira. Os republicanos, no seu papel eterno de simples instrumento das opposições monarchicas, davam áquella especulação pasto succulento.

Que restava, pois, a João Franco? Dentro dos principios, dentro mesmo da sua dignidade, depois das affirmações mais solemnes, mais terminantes, mais cathegoricas que havia feito em sentido liberal, só uma coisa lhe restava: vir-se embora. Mas João Franco não é para isso. Era indispensavel contar com o seu temperamento. Com elle deviam contar, com elle teriam contado os dirigentes republicanos, se fossem sinceros e se fossem habeis. E dizemos se fossem sinceros e se fossem habeis, por que se alguns eram sinceros outros havia que nem eram sinceros, nem eram habeis. N'este caso estavam os peores, isto é os que mais aggressivos se mostraram contra João Franco, e que foram Bernardino Machado, homem cheio de rancores, que não perdoava a João Franco as *rivalidades* do ministerio regenerador de que ambos fizeram parte, e Affonso Costa, que queria adquirir, ou conservar, como o mais *valente*, predominio entre a plebe, sempre *revolucionaria* e *exaltada*. A estas *pequeninas* coisas estão sujeitos muitas vezes os altos interesses d'uma democracia ou d'um povo.

João Franco não era para isso. João Franco não era homem que por amor dos principios *apanhasse e calasse*. O seu temperamento de *valentão* surgiria logo. E responderia com bordoada á bordoada.

Era inevitavel. Era fatal.

De forma que era muito provavel que vingasse, senão completamente em grande parte, a experiencia liberal de João Franco, se os republicanos houvessem procedido com o amor e respeito dos principios e com o necessario senso pratico.

Suicidou-se João Franco, exclama-se. Mas porquê? Annullado estava elle, desde que lhe era impossivel manter o seu programma liberal. Annullado estava elle. Só lhe poderia restar uma esperança: vir a ser chefe do partido progressista. Mas essa esperança era muito frouxa, por muitas causas, e uma d'ellas porque as pernas do sr. José Luciano, essas pernas que já foram a desgraça do sr. Alpoim . . . resuscitaram.

Annullado estava elle. Poderia haver situação mais mesquinha que a sua, reduzido a uma especie de famulo do sr. José Luciano de Castro, e ainda com a obrigação de fazer venia ao sr Hintze Ribeiro?

Não. Morra Martha, morra farta.

Toda a gente chama *tolo* a João Franco. Pois, francamente, nós não somos d'essa opinião. Para nós, o homem não se suicidou. O homem procurou simplesmete livrar-se do suicidio. Pondo de parte a questão de principios, é claro.

Das duas uma: ou elle mantem a dictadura, ou não mantem. Mantem? E faz uma *boa dictadura?* N'um paiz de *valentões*, de *brutos*, onde o prestigio da força ainda é o maior de todos os prestigios, João Franco, então, *salvou-se*. Fica sendo o *primeiro entre os primeiros*. E' pela certa. E como duvidar, se os primeiros que tratam os principios a pontapés, se os primeiros que os desprezam, se os primeiros que zombam d'elles, se os primeiros que se mostram brutaes e adoram o prestigio da força são exactamente os republicanos?

Não duvidem. E' pela certa. N'esse caso João Franco codilha monarchicos, codilha republicanos, codilha-os a todos. Fica sendo um *grande homem*, o maior homem d'esta terra.

Mas não mantem a dictadura? Que perdeu? Nada. Em vez de cahir á capucha, cahe com estrondo. E para este paiz de brutos, de selvagens, que o barulho encanta, como aos pretos, ainda mesmo por esse lado ganhou.

Sobre as probabilidades de duração da dictadura nada diremos. Mas João Franco bem devia calcular que ia ter todos os partidos contra elle. E o rei tambem! Vae o rei exauctorar-se despedindo ámanhã o ministerio? Que se ponha qualquer no seu logar e que responda. Quando se fazem coisas d'aquellas já se conta com as peores eventualidades. Não. O rei só despediria amanhã o governo se visse o throno em perigo. E nem o sr. José Luciano, nem o sr. Bernardino Machado são creaturas para pôr o rei em tamanha contingencia.

Não nos parece que a dictadura seja longa. Mas tambem nos parece que não cahe já.

E eis, segundo nós, o aspecto verdadeiro da situação.

Reparem os leitores: nós previamos tudo. *Tudo!*

N'esse artigo, que ahi fica, auguravamos a João Franco um *pleno e estrondoso* successo se elle fizesse uma *boa dictadura*. E sublinhavamos as palavras *boa dictadura*.

Ora *boa dictadura* era esmagar *a tempo* os republicanos. Era *sabe-los esmagar*. E saber esmagar os republicanos era, entre outras coisas . . . *aproveitar habilmente o 28 de janeiro*. E o successo de João Franco seria . . . pleno e estrondoso, como prophetisavamos.

Nós previamos tudo. Tudo! Como se acabará de ver no numero immediato.

Safadissimos

O orgão official da prostituição republicana publicou a *contestação do Margarido*, escripta pelo *rei dos bandidos*, ao processo movido ao mesmo *Margarido* pelo ministerio publico, sobre offensas ao juiz d'instrucção criminal. E dizia o pulha, no dia immediato, que a contestação tinha feito *sensação em Lisboa!*

E' possivel. *Na parte alarve da jacobinagem republiqueira.* Que nunca peccou pela finura da intelligencia ou pelo requinte do espirito.

Aquillo é tudo quanto ha de mais chulo. Nem prima pela originalidade, como já um jornal observou, nem, que originalidade tivesse, *seria obra d'intelligencia ou d'espirito.*

Funda-se em chamar doido ao dr. Antonio Emilio, sem o fazer, ao menos, com vigor de phrase ou chiste litterario. E' um dos muitos empadões do *rei dos bandidos.*

Doido, o dr. Antonio Emilio! *Que lhe ha de chamar o Affonso Costa, o França Borges, o Ribas d'Avellar ou o Cunha e Costa?* Todos os homens honestos são doidos para os . . . tratantes. E todas as pessoas verdadeiramente intelligentes são doidas para os . . . especuladores ou imbecis. *Descobrir que os republicanos são malandros e assassinos deve ser, realmente, um acto . . . de loucura.*

E para que se veja a seriedade d'esses pulhas e a *grande intelligencia* d'esse malandro que se chama Affonso Costa, e que só n'este paiz poderia adquirir reputação de *grande parlamentar* e de *grande advogado*, basta dizer-se que uma das bases da *contestação*, portanto da affirmação de loucura do dr. Antonio Emilio, é este . . . *ter perdido a consciencia da sua posição social, suppondo-se oriundo de familia nobre.* Textual!

Ora qual é o facto allegado pelo orgão official da prostituição republicana para sustentar essa accusação, como a sustenta dia a dia? Que o dr. Antonio Emilio renegou a humildade do pae, e, com ella, o **appelido Antunes.**

Pisa e repisa isto, todos os dias, como toda a gente tem visto.

Pois querem saber? *O pae do juiz d'instrucção criminal chamava-se José Antunes d'Azevedo. O pae de Magalhães Lima*—tomemos este exemplo republicano—*chamava-se Sebastião de Carvalho Lima. Antonio Emilio é nome de baptismo. Almeida era sua mãe. D'uma familia d'esse appellido muito antiga e muito conhecida em Aveiro. Antonio Emilio tomou Almeida da mãe e conservou o Azevedo do pae. Como Sebastião de Magalhães Lima tomou Magalhães da mãe e Lima do pae. Um deixou o Antunes. Outro deixou o Carvalho.*

Confessem todos, monarchicos e republiqueiros, que é preciso ser muito reles e muito estupido para ir buscar uma coisa d'essas para explicar e justificar . . . o *delirio das grandezas!*

Mas, alem d'isso, José Antunes d'Azevedo não tinha *humildade* nenhuma. Quem ler o *Cornetim da Margarida* julga que José Antunes d'Azevedo era algum pobresinho de Christo. Ora era plebeu, e a aristocracia em Portugal acabou. *Mas era negociante, e negociante rico. Pertencia ás camadas dirigentes de Aveiro. E como tal foi vogal da Junta Geral do districto, presidente da Camara, administrador do concelho, etc.*

Que grandes biltres!

E só para provar a biltraria e a boçalidade dos malandros trazemos isto a publico. *Ainda que o dr. Antonio Emilio fosse filho do ultimo proletario, isso nada depunha contra elle e nada tinha com a questão publica que actualmente se debate. E de modo algum o simples facto de se chamar Antonio Emilio de Almeida Azevedo, em vez de se chamar Antonio Emilio Antunes Azevedo, demonstraria que tinha renegado o nome do pae, mesmo que sua mãe, Almeida, fosse de estirpe mais nobre que o pae, que não era.*

Sempre biltres. Mas sempre estupidos. E é uma besta que se aproveita de taes argumentos . . . *um grande advogado!*

Quem fala ahi em *snobismo* e em *mania de grandezas?* Quem fala ahi em ter vergonha *d'origens humildes?*

O Affonso Costa, *que batia na mãe quando ella não queria servir as prostitutas com quem elle se juntava, na sua propria casa, em bachanaes immundas?* **O rei dos bandidos,** *que deixa morrer de fome e de frio os seus proprios tios? O miseravel que, fazendo publicar no* **Mundo** *tudo quanto lhe possa servir de reclame, cuidadosamente se abstem de dar a noticia da morte dos seus mais proximos parentes,* **porque são humildes?** *O mariolão* **que escreve pelo seu proprio punho** *os elogios bombasticos que lhe fazem as gazetas?*

Só a tiro! Só a tiro!

Nunca houve quadrilha tão desavergonhada em Portugal, convençam-se. E quadrilhas d'essas . . . *só a tiro!*

Não ha outra expressão, nem outro castigo.

Bandidos

A collocação do general Borracho no ministerio dos negocios extrangeiros é outra prova da intima harmonia que existe entre todos os bandos partidarios. A harmonia do roubo, do assassinato, do crime, da infamia.

O crime tambem tem a sua moral. A sua solidariedade. A sua justiça especial.

Por maiores que sejam as divergencias entre os grilhetas, por mais profundo o odio que os separe, todos elles se entendem no desprezo da virtude, todos elles se juntam na guerra ao espirito d'auctoridade. Ao espirito d'auctoridade, ao direito de propriedade, ao respeito da lei, da verdade absoluta, da justiça social.

Ha uma moral commum a todas as quadrilhas. Moral inatacavel. Na defesa da qual todas se unem por um accordo tacito: o interesse proprio.

A verdade, a justiça não offendem só a quadrilha regeneradora. Ou só a quadrilha republicana, progressista ou dissidente. Affirmar a justiça ou a verdade contra uma d'ellas é affirmar a justiça ou a verdade contra ellas todas. Praticar um acto de moralidade contra uma d'ellas é praticar um acto de moralidade contra ellas todas. Na apparencia, todas pedem justiça. Para enganar papalvos! Todas reclamam moralidade. No fundo, todas movem guerra de morte á justiça e á moralidade.

O argumento dos regeneradores, como o argumento dos progressistas, acabou por se cifrar, todo o mundo o sabe, n'esta razão cynica: *Nós fizemos, é certo; mas vocês fizeram o mesmo e peor.* Os progressistas, para enganar papalvos, atacavam os regeneradores, ou vice-versa, no parlamento e nos jornaes. Mas progressistas e regeneradores não faziam consistir a sua defesa senão em demonstrar que os censores *tinham feito o mesmo ou peor.* Annos e annos assistiu o paiz a esse espectaculo dissolvente, corruptor, depravado, affrontoso. Annos e annos! Os republicanos vieram e levaram mais longe ainda o cynismo, a infamia. Esses *limitaram-se* a considerar virtudes, quando praticadas por elles, todas as torpezas dos adversarios. Os monarchicos não chegaram á infamia de considerar virtuoso um *ladrão.* Não ia n'elles tão longe a affronta social. *E' ladrão? E'. Mas tambem são ladrões aquelles que lh'o chamam.*

A moral republicana foi differente. Mil vezes mais cynica, mais torpe e mais affrontosa. *E' ladrão? Não é ladrão, não senhores. E' um homem de bem, um homem honrado, um cidadão benemerito, um patriota.* **Dizer-se hoje republicano em Portugal é dizer-se homem de bem.** Palavras sahidas, e nunca mais esquecidas, do grande *immaculado*, do grande *santo*, do novo *vigario de Christo na terra* que se chama Bombardino Rachado.

O tenente Djalme falsificou inscripções? Não falsificou tal! Quem as falsificou foi a policia do Porto, para o *entalar.* O Leandro foi auctor do crime monstruoso da rua da Magdalena? Não foi tal! Mas não o confessou elle proprio? Não confessou tal! Essa confissão foi obtida á custa de suggestões ou de *narcoticos.*

O Guimarães foi um dos assassinos do pobre Nunes Pedro em Cascaes? Não foi tal! O *Mundo*, e outras gazetas republicanas, ainda n'este momento põem em duvida que houvesse crime, *sequer!* Sequer! Não houve crime! Foi um suicidio ou um desastre! Mas não o confessou o Guimarães? Infamia da policia! Infamia das infamias! Foi com *narcoticos*, tambem. A policia emprega hypnotisadores ou dá narcoticos ás suas *victimas* para as obrigar a confessar. E quando não emprega esses meios *civilisados*, emprega outros mais selvagens: dá-lhes pancada.

Infamia das infamias! O Guimarães é um homem de bem. Pois não é elle republicano? Quem ousa duvidar da honradez do Guimarães? Quem ousa pôr em duvida a sua innocencia? O Guimarães é um homem de bem. O Guimarães é um patriota. Quem é um canalha, um bandido, um miseravel, que martyrisa cidadãos honestos e inventa mentiras e infamias para os prejudicar, é *o plebeu Antunes*, o juiz d'instrucção criminal.

O Affonso Costa é o bandido da herança Esteves Ribeiro, da Companhia dos Phosphoros e d'outras tratantadas da mesma laia? A' morte, quem ousa assim calumniar o virtuoso cidadão, o grande patriota! O Arthur Leitão é o ultimo dos grilhetas? O Padua Correia é o ultimo dos gatunos? O Cunha e Costa é um cavalheiro d'industria sem rival? O França Borges é um porco *souteneur*, um rufião, um miseravel? A' morte, quem ousa assim affrontar na pessoa de tão dignos cidadãos o grande partido republicano e a honra dos principios democraticos!

Estes pulhas deixaram na sombra toda a pulhice dos monarchicos. Estes pulhas foram mil vezes mais torpes, mil vezes mais impudicos, mais descarados, mais canalhas. Esta quadrilha foi a ultima expresão do crime e, ao mesmo tempo, a ultima expressão da insolencia e da affronta.

Como hão de elles combater a serio os monarchicos? E como hão de os monarchicos combate-los a serio, a elles, se a grande desmoralisação republicana convem ás quadrilhas monarchicas, como a grande desmoralisação monarchica convem á quadrilha republicana? Valores entendidos, senhores! Não tenha o paiz illusões. Não se deixe *comer.* Abra os olhos e veja. Valores entendidos. Um intimo laço prende as quadrilhas monarchicas á quadrilha republicana e a quadrilha republicana ás quadrilhas monarchicas.

Nenhum acto o podia confirmar mais e melhor, e dizer mais e melhor do governo actual, que a nomeação do general Borracho. Nenhum acto podia dizer mais e melhor do desrespeito d'esses bandidos pela lei, pela moral, pela disciplina social em geral, pela disciplina do exercito em especial, e, até, pelo *espirito monarchico.*

O general Borracho é um pulha. Positivamente um pulha. Um malandro. Positivamente um malandro. Porque não tem outro nome o homem que se entregou ás scenas de taberna e de bordel que todo o paiz conhece. O general Borracho não foi um simples bebedo. Foi um *bebedo escandaloso.* Ha bebedos que respeitam o decoro publico. O general Borracho nunca o respeitou. Foi um bebedo insolente, atrevido, descarado. Fez gala da bebedeira. Não affrontou só o decoro publico e a lei, embebedando-se. Affrontou o decoro publico e a lei sobretudo pela sua insolencia depois de bebedo. Sobretudo por fazer gala da bebedeira.

Nenhum ministro honrado e tomando a peito a dignidade das suas funcções deixaria de o castigar. Mas só um ministro **ultrapulha** depois de castigado o iria *rehabilitar* ou de qualquer forma *consolar.*

Assim como não foi um simples freguez de taberna, assim Borracho não foi um simples freguez de prostibulo. Assim como não foi um simples bebedo, assim não foi um simples devasso. Foi um porco, um indecente, que causou asco á propria prostituição official. Foi um sujo, que causou nojo aos proprios bordeis. As meretrizes, as mesmas meretrizes, lhe cuspiram desprezo e asco.

Já dissemos aos leitores que não podemos publicar tudo quanto n'esta redacção se tem recebido contra esse miseravel. Só n'uma leitura *só para homens.* E essa mesma depois de pedir venia . . . ao decoro dos homens. Mas diremos, ainda assim, e muito ao de leve, que é monstruosa, entre outras, uma scena *pormenorisada* que nos contam como passada n'um prostibulo que havia no Largo do Picadeiro, a S. Carlos. Era dona d'essa casa uma tal Carlota, que nos dizem já ser morta.

Que medonha, que monstruosa, que porca, que horrorosa scena essa! As meretrizes, constrangidas, tremiam, de nojo. Sentiam arrepios d'asco. E de medo! Porque o miseravel, quando as não levava com promessas ou pela persuasão, levava-as á pancada! As infelizes respiravam, como se de cima d'ellas sahisse um peso de dez arrobas, quando o viam sahir a porta, ao monstro, ao miseravel.

A scena repetia-se, n'esse prostibulo como em outros, em dias varios. N'esse prostibulo como em outros, o miseravel era visto com horror, pelas proprias prostitutas! mesmo quando pagava. E assim se tornou, em Lisboa, como os rufios que de navalha em punho impõem a sua vontade, *um dos martyrios* das desgraçadas. O monstro, o miseravel!

Um outro correspondente conta-nos scenas passadas com uma tal Joaquina, ex-amante do Fernando d'Oliveira, o cavalleiro tauromachico. Um outro ainda conta-nos scenas identicas com a filha d'um padeiro, de cuja mulher, do padeiro, elle fôra amante. E assim . . . um nunca acabar!

E' lendaria a historia, não ha ninguem em Portugal que a não conheça, do telegramma trocado com o Vaz Preto, ou com outro figurão da mesma laia. Mas temos na memoria o nome de Vaz Preto e cremos bem que não somos por ella, agora, como não o somos geralmente, atraiçoado.

Lavou? estragou.

Uma cloaca ambulante, o porco sujo, o monstro, o miseravel!

Ahi, como na bebedeira, o menos que elle fez foi ser devasso. Ahi, como na bebedeira, o mais que elle fez foi ser insolente, desbragado, acintosamente pulha, descarado. Nos bordeis, como nas tabernas, a maior offensa não foi á lei. Foi ao decôro publico, á dignidade dos cidadãos, ao pudor das mulheres e ao pudor dos homens, que elle não só desrespeitou como babou, chasqueou, cuspiu, com uma impunidade que é uma das maiores affrontas sociaes, das mais vergonhosas, das mais aviltantes, que se teem praticado n'esta terra de covardes, n'esta terra de pulhas, n'esta terra desgraçada.

Não houve cidadãos com bastante brio para exauctorar civilmente esse bandido,

correndo-o a chicote, a pontapé, á bofetada. Ou a tiro, se não tinham forças para mais. E não houve ministros com o pundonor pessoal e a dignidade profissional, dignos pela dignidade propria e pela dignidade das funcções publicas que estavam a seu cargo, que mandasse formar um quadrado e dentro d'elle, pelo mais vil, o mais abjecto dos cornetas, um corneta presidiario, arrancar os galões d'official áquelle biltre e com elles, emquanto rufassem os tambores, e as tropas, de desprejo, e nojo, lhe voltassem costas, fustigar a cara alvar do miseravel.

Não houve soldado, não houve corneta. não houve membro do exercito, por mais pulha, que fosse mais pulha, n'esta terra. Mais pulha que esse rufio fardado, que a covardia publica, que a perversão dos prostitutos que empolgaram a direcção d'esta patria degradada, chegou, n'um delirio de baixesa, e de orgia moral como poucos dos que regista a historia dos povos em periodos de infamia, a coroar como Bayard, como symbolo da coragem, da virtude, da honra, do cavalheirismo nacional. O peor bebedo, o peor devasso que houve n'esta terra, rufio authentico, — pois, tambem o sabe todo o mundo, chegou a explorar a lubricidade porca das mulheres, — o monstro, que foi um attentado vivo, flagrante, permanente, á honra civil e á honra militar! A' decantada honra militar! A' mentirosa honra militar! Pois é uma mentira, só uma mentira, e, como tantas outras n'esta terra, uma mentira affrontosa, a honra d'um exercito onde se praticam — e com galardão! — baixesas e iniquidades de tal ordem.

O canalha que, tendo sido um dos sustentaculos do poder pessoal, um dos propagandistas, pela palavra e pelo facto, do engrandecimento do poder real, um dos que mais excitaram, com as suas fanfarronadas, as suas valentices, os seus exaltados e decantados deboches, as suas arbitrariedades, as fanfarronadas, as valentices, os deboches, as arbitrariedades de D. Carlos, acabou, só porque o rei, o mais honesto e o mais serio, ainda assim, ou o mais intelligente no meio de todos, não quiz levar a affronta á consciencia publica até ao ponto de fazer o bebedo e o rufio ministro da guerra, por se associar á obra assassina dos que roubaram a vida ao chefe do Estado.

O putrido bandalho que, tendo sido, como commissario regio em Angola, auctor d'uma das mais escandalosas depredações de que foi victima a fazenda publica em Portugal, acabou por fazer côro com os que, em nome da *moralidade publica*, despediam raios de maldição contra o *rei dos adeantamentos* e em nome da *immoralidade* dos adeantamentos pediam a cabeça de D. Carlos.

Isto bastaria para demonstrar a vileza, o impudor, a ultrajante desvergonha do acto que o ministro dos negocios extrangeiros, e todo o ministerio, com elle solidario, acaba de praticar. Mas não é tudo. Borracho foi castigado em cima do attentado mais insolente, mais attentatorio das funcções publicas, mais desbragado, embora ao mesmo tempo mais picaresco, de toda a sua pulha vida de rufião, de brigão e de devasso. Nos antecedentes e nos consequentes d'esse attentado foi o ataque mais directo á disciplina militar, ás instituições, ao rei propriamente, que o bandido tem vibrado. O miseravel, que denunciava o *Povo de Aveiro* como republicano, não admittindo que o governo tivesse tolerancias com um militar que redigia um jornal que se dizia abertamente adversario das instituições monarchicas, era redactor ostensivo do *Mundo*, que descaradamente se arvorava em porta-voz das suas baboseiras, das suas incoherencias, das suas infamias.

Ao passo que nós, simples capitão reformado, já liberto, por assim dizer, de responsabilidades militares, sem representarmos, á frente d'um jornal republicano que acima de tudo defende a ordem, os bons principios, os interesses da patria, nenhuma affronta á disciplina militar, pediamos a nossa demissão, elle, o bandido, mantinha, mancommunado com o *Mundo* e com a peor fracção, a mais arruaceira, a mais indigna da quadrilha republicana, os seus galões de general. Ao passo que nós, que moirejámos sempre nos regimentos, sem commissões que nunca pedimos e que algumas vezes rejeitámos, ao passo que nós, que não só nunca *roubámos* cinco reis ao thesouro como démos ao Estado o dobro do trabalho, em serviços varios de quarteis, que a lei nos exigia, que o regulamento de nós reclamava, pediamos, sem sabermos se no dia seguinte morreriamos de fome, pois a ninguem é dado prever, n'um meio como este, a sorte d'um jornal, d'um jornal absolutamente independente como este, e d'um jornal semanal, que tem como *unico* attractivo a sua campanha de verdade, ao passo que nós, arriscando tudo, pediamos a nossa demissão, dando mais um exemplo de independencia, de coherencia e de honestidade, elle ficava conspirando com os seus galões e o seu soldo de general, incapaz, como sempre, de arriscar os seus commodos ou de viver do seu trabalho.

Toda a gente sabia, sabia-o elle melhor do que ninguem, que não havia pessoa alguma que tivesse sobre nós influencia para nos coagir a este ou áquelle rumo, a escrever este ou aquelle artigo de jornal. E, rufião, miseravel, pulha, canalha, rodilha de taberna e escarro de lupanar, não contente com a insolencia que, no fundo, as suas cartas ao ministro da guerra e ao presidente do conselho representavam, ainda levou a affronta desavergonhada até ao ponto de pretender que elles fossem responsaveis pelo que o *Povo de Aveiro* publicava. Tendo vomitado os degraus da camara cem vezes, tendo enchido de vinho o recinto da representação nacional, tendo pretendido *mijar* no presidente da camara como demonstração de respeito pela *soberania popular*, o bebedo descarado, o prostituto deslavado, o rufião estanhado, o mais indecente dos bebedos, dos prostitutos e dos rufiões, vergonha d'elles todos, acabava por se embrulhar nos seus arminhos de par e com elles pretendia impôr-se ao regulamento disciplinar. Covarde, porque, no fundo, esse bandido, como, de resto, quasi todos os bandidos, nunca foi senão um covarde,—pretendendo esconder a covardia nata nas ridiculas praxes do duello e nas falsas convenções do campo da honra, — tendo medo de empunhar um chicote, uma bengala, ou um revolver para se dirigir ao homem que com elle se defrontava e que elle presentia muito bem, como todos, estar terminantemente resolvido a recebe-lo *á má cara*, só descia á vileza de o denunciar, depois de ter com elle terçado no jornalismo, convencido da propria impunidade. Impunidade, porque nunca suppôz que houvesse um ministro capaz de o castigar, e impunidade porque, em ultimo caso, se fiava . . . nos seus privilegios de par.

Um covarde, um bilontra, um canalha! Esse homem rolava do ridiculo pedestal, em que o tinham collocado a covardia e a degradação nacional, na lama das tabernas, no lodo dos prostibulos, que eram, no fim de contas, a essencia do seu ser, o substractum da sua alma.

E vá que a covardia e a indignidade publica se tivessem cohibido, por medo, de o castigar. Mas que a covardia e a indignidade do poder o fossem agora levantar, francamente, excede tudo quanto de mais ignobil se poderia imaginar.

Foi o ministro dos extrangeiros, diz o *Mundo*, que *espontaneamente* lhe offereceu a commissão *diplomatico-militar* que o rufio vae desempenhar. Não se sabe que commissão é. Mas não pode ser outra que a d'ir ensinar... o refinamento da arte de lamber á Europa debochada. Chegou a varias princezas allemãs, e a varios principes da mesma nacionalidade, que teem adquirido, como dissolutos, reputação universal, a fama do tombador de queixo Dantas Borracho. E reclamaram-no ao Villaça. E Villaça, aparando o jogo, tem cara de aparar, e se não apara, vae, com certeza—porque, repetimos, já ninguem é grande, sem isso, n'este nosso grão ducado— de focinhos abaixo, como o seu mestre Borracho, apressou-se a nomear o tombador de queixo para a commissão . . . diplomatico-militar. Quer dizer, depois de tanta baixeza e de tanta ladroeira ainda estava reservada mais esta baixeza e mais esta ladroeira a Portugal: ensinar a Europa, á custa do nosso magro thesouro a . . . cahir de queixo *por tempos militares.*

Não sem que, primeiramente, para a obra ser completa, se tenha mais uma vez obrigado o joven rei de Portugal . . . a gramar.

Porque ainda ha esta parte interessantissima n'esta scena de bordeis que o ministerio acaba de fazer representar. O Ferreira do Amaral, e as quadrilhas politicas que o apoiavam, obrigaram o pobre D. Manuel a *gramar* os insultadores e os assassinos do irmão e do pae. E o ministerio Beirão acaba agora de o obrigar a gramar, alem dos que assassinaram o irmão, alem dos que insultaram e assassinaram o pae, os que a elle proprio o insultaram.

Borracho não teve a coragem, porque não ha coragem nenhuma n'esse indecente fanfarrão, nem a dignidade, porque é mais facil uma pereira dar figos do que esse pulha ter um assomo de dignidade, de pedir a demissão d'official do exercito, para conspirar então honradamente, vivendo honradamente á custa do seu trabalho. Mas teve um desforço: pegou nos galões de ajudante de campo, que não representavam dinheiro, e deu com elles na cara de D. Manuel. D. Manuel, o rei de Portugal! enguliu, e, agora. . . grama o Borracho.

Só a tiro!

A nomeação do Borracho é uma illegalidade, pois, manifestamente, é uma burla o facto de se dizer que passando um militar para outro ministerio ficam sem effeito as disposições *immutaveis* do regulamento disciplinar. E' uma pouca vergonha illudir a lei do limite de edade, para roubar á alçada da lei um official do exercito. Uma pouca vergonha e um attentado á disciplina militar, que só pode subsistir tomando por base a mais rigorosa egualdade. O que se fez para servir Moraes Sarmento não se faria para servir um official que não dispozesse de influencias partidarias. E isso é irritante. E isso abala profundamente a disciplina militar. Alem de ser uma illegalidade, uma burla, um attentado á disciplina do exercito, a nomeação do Borracho teve mais a espantosa consequencia de exauctorar, perante a nação e o exercito, o ministro Cardeira, que tinha cumprido o seu dever. E, para cumulo, ainda foi uma indecencia, pois obrigou o rei a chuchar . . . e a gramar.

Só a tiro! Só a tiro!

E convençam-se: não vae d'outra maneira.

O Rei dos Bandidos

Sr. director

Coimbra, 2 | II | 910

Como deve ter visto, Affonso Costa foi o mais *bravo* dos oradores da reunião do dia 30.

Sempre iracundo, gritou: guerra, guerra, sem treguas contra tudo e contra todos que se conservem extramuros da republica!

E os ingenuos acreditam-no, tomam-no a sério!

Que grandes palermas!

Ora, mas se elle quer guerra, porque é que lhe não declaram tambem guerra?

Naturalmente, porque reconhecem que aquellas iras, que aquelle amor á polvora, n'elle, — é tudo a fingir . . .

Sim, elle bem sabe que, sendo lente de direito da Universidade, vai recebendo os seus *honorarios* todos os mezes sem que ninguem lhe pergunte sequer o motivo porque não vem reger a sua cadeira.

Como elle, são deputados os lentes de direito Caeiro da Matta, Pedro Martins e José Tavares, e estes estão aqui a reger assiduamente as suas cadeiras.

Eis a *moralidade* do grande tribuno da republica!

Francamente, não sei como elle arranja isso . . .

Ha uma porção de annos que elle não põe aqui os pés . . .

De vez em quando lá se submette a uma junta medica, que acaba sempre por reconhecer o *mau estado* da garganta do tribuno, garganta que sendo má para gorgear na cathedra, é boa, é sempre excellente para se emborrachar nos bordeis e cantar nos comicios!

Na mesma magna reunião do dia 30, disse: a attitude do partido republicano deve ser da maior intransigencia perante tão ascoroso *governo de jesuitas.*

Ora, o grande tribuno esqueceu-se que um dos membros do governo é o dr. Arthur Montenegro, seu collega na Universidade, e antigo condiscipulo,—emfim, o *mesmo* ministro que ainda não ha muito tempo nomeou um dos seus cunhados, o bacharel Antonio Mendes de Abreu, para a conservatoria de Figueira de Castello Rodrigo, salvo erro!!!

E isto—note bem—a pedido do grande democrata Affonso Costa, cunhado do nomeado!

De onde se conclue que quem dá é tio, embora seja *jesuita*, e ministro de El-rei!

Em summa, o "*rei dos bandidos*„, como V. tão acertadamente o classifica, vai berrando, mas . . . de par e passo vai-se arranjando . . .

O cunhado, uma vez formado, foi para o Porto tentar a advocacia. Porem, como não désse nada nas lides do fôro, e Affonso tivesse de o sustentar, recorreu ao governo de Sua Magestade para que o nomeasse conservador de Castello Rodrigo.

Ahi está, sr. director, como um grande tribuno da democracia *intransigentemente* combate pela sua *dama*, a republica!!

Isto!. . . como V. muito bem diz,—só com "porrada e agua á jarra„ é que se desmascaram taes desavergonhados

Ou melhor—a tiro!

A. A.

Um defensor do Ramires

Escrevem-nos de Paris:

«Num dos ultimos numeros do seu jornal V. occupa-se dum *apache* fino, oriundo de Portugal que habita Paris.

O *apache* fino cahiu sob a alçada de V. mercê dum acto de justiça que praticou sem olhar formulas nem o terreno. Está V. no seu direito de encher o jornal como pode e lhe vem á cabeça. Alem disso, esse jornalismo está muito á moda em Portugal para que eu lhe conteste a utilidade. Não obstante V. maltrata a verdade duma maneira tão affrontosa que eu e todos os leitores sentimos os reflexos da dor que póde produzir um carvalho cerquinho. E eu que lhe quero ajudar a ganhar a vida e a encher o jornal vou com toda a philosophia que se pode ter incubado num *rapaselho*, que lê Barrés e Anatole, e com toda a luva branca que pode calçar um *cavalheiro d'industria*, fazer uma emenda que o sr. Homem Christo aproveitará como quizer ou deitará no cesto dos papeis velhos.

Gradualmente, marcando passo, como deve estar no gosto de quem possou pelas fileiras:

1.º — Os pais do *apache fino* (sem levantar a questão das reticencias) nunca se separaram

2.º — A avó materna do *Francisquinho* está, graças a Deus, de perfeita saude, rijinha ainda para largos annos.

3.º — *O rapaselho*, sahindo de Campolide veio concluir, não obstante ter dado brado, o curso dos Lyceos na Escóla Academica, e por isso possue os altestados que assim o confirmam.

4.º — A interdição teve por causa o desbarato e não qualquer má conducta, nem nunca foi expulso pela sua familia, mantendo as melhores relações com todos.

5.º — *O figurão* conheceu Ramires muito de relance, relativamente a questão de tempo; nem se deixou sugar por elle, nem elle tinha alma e talento de sanguesuga.

6.º — Não se regenerou em Paris o *apache* fino nem peorou. Foi sempre o mesmo homem e está matriculado na Escóla Medica, seguindo nas horas de liberdade conferencias litterarias e artisticas na Sorbonne, onde convive com todos os outros *apaches* matriculados.

7.º — Por occasião da viagem de D. Manuel de Bragança não foi o Coronel d'engenharia Fernando Eduardo de Serpa Pimentel administrador dos Paços reaes, que tentou falar *ao primo;* foi o *apache fino* que se dirigiu ao Commandante de Mar e Guerra Fernando de Serpa Pimentel, significando-lhe num *pneu* que o desculpasse da sua não comparencia, porem queixando-se da fórma indigna como a policia francêsa o perseguia como *Dynamitista* açulada pela policia portuguêsa. Actualmente o *apache finó* vive sob a *tout bien que mal, Liberté, Fraternité, Egalité* pedindo aos vates paz e socego.

8.º — *A* chronica do *neto do venerando estadista*, em Paris, não daria para uma pennada de tinta se V. tivesse outro sentimento da verdade.

9.º — Quanto ao regicidio tenha cuidado, que V. está resuscitando o romantismo negro da mascara e do punhal, e póde acontecer-lhe o horrivel fim dos Laforest, dos Montepin que morreram por um alçapão abaixo ou na casa de saude.

10.º Quanto á fórma como trata seus irmãos, o *apache* fino péde a V. um simples inquerito e a exauctoração depois.

Ahi fica breve como uma resposta a um questionario de caserna a emenda de luva branca que o Official do Exercito Sr. Homem Christo porá á margem da sua honestidade ou do seu respeitavel desdem.

Francisco Cardoso de Serpa Pimentel.
Estudante da Faculdade de Medicina

Paris, fevereiro 1910

Rue de L'École Polytechnique.

Ahi fica, com insolencias, apesar da *luva branca* (mania de todos os patetas d'esta terra) ameaças e tudo, a defesa, justificação, explicação, ou como queira o *apache fino*, que nos envia de Paris o sr. Serpa Pimentel. E não conseguiu o sr. Serpa Pimentel, nem ajudar-nos a *ganhar a vida e a encher o jornal*, (conseguiu mas foi roubar-nos espaço de que muito carecemos) nem metter-nos medo, nem, o que é peor, fazer-nos convencer da falsidade da informação anterior, embora haja erros de detalhe, de pouca importancia para a apreciação geral.

Da propria communicação do *apache fino* se vê que o sr. Serpa Pimentel é, suppondo-se um revolucionario, um simples instrumento da especulação e da mentira que tem pervertido e vae afundando esta sociedade.

Não ha espirito revolucionario, não o pode haver, sem verdade. Não ha verdade n'este paiz, não a pode haver, emquanto subsistir toda a torpeza em que repousam as quadrilhas politicas. Nós somos o demolidor, o unico demolidor, a sério, n'esta terra, d'essas quadrilhas. Portanto, de toda a mentira, de toda a infamissima especulação que as alimentam. Mas o sr. Serpa Pimentel, que no *regicidio, e em tudo*, fez a obra, e faz, do Alpoim, do Borracho, do Alberto Navarro, do Affonso Costa, de todos os bandidos que teem roubado e deshonrado esta terra, e que em qualquer paiz do mundo, e perante os homens de todas as opiniões politicas, religiosas ou philosophicas, seriam abominaveis, é que é . . . o *revolucionario*. E nós é que somos . . . *o reaccionario.*

Não confunda. O senhor é simplesmente um instrumento inconsciente, se o não é consciente, da canalha.

A GRANDE QUADRILHA

Não negamos a ninguem o direito de defesa. Nem o impedimos, quando é pessoa legitima para isso, seja a quem fôr. Publicamos, pois, a carta que se segue. Mas devemos dizer ao sr. Mella que antes de publicarmos a carta anterior colhemos em Lisboa informações. Em fonte insuspeita para nós. E, infelizmente, se nem todos os detalhes eram exactos, veio *tudo* confirmado no conjuncto. E, alem d'isso . . . coisas novas, que ainda não publicámos.

Ha, para nós, capital differença entre cidadãos e entre bandidos. Quando um homem desce aos expedientes a que teem descido *quasi todos os republicanos em Portugal*, quando se torna solidario em crimes como o crime da morte do rei ou o crime de Cascaes, pode elle dizer á vontade que é um cidadão e que o crime de que o accusam é um crime politico. A' vontade! Elle é simplesmente um bandido. Elle é simplesmente cumplice de crimes de direito commum verdadeiramente odiosos. E para esses homens, fóra das leis geraes da sociedade, com a qual se pozeram em guerra, não ha, não pode haver, respeitos ou contemplações de qualquer ordem.

Todos teem o dever de os tratar, não como cidadãos, mas como grilhetas, para não dizer . . . como feras.

Muito estimaremos que se venha a provar que o sr. Mella não está n'esse caso.

Sr. Director do *Povo de Aveiro*

Só uma vez, ha muitos annos, fallei com V. Tratava-se de recommendar a um meu amigo de Loures a eleição de V. para deputado. Certo estou porem, que V. me obsequiará com a publicação no seu jornal desta minha carta, não como justificação dos meus actos, mas para provar quanto insidiosas, infames e falsas são as accusações que me fazem n'uma correspondencia anonyma que vem publicada no *Povo d'Aveiro* de 6 do corrente e a que por certo V. é extranho.

Professo o principio republicano, creio o unico systema de governo capaz de levantar e regenerar a nossa Patria, não me agradando no emtanto todos os processos para lá chegar. Esta razão me conserva esquecido e afastado, como estou, do partido, onde nunca fui por falta de meritos vulto de cotação; nunca fui filiado em centro algum, nem desempenho cargo nenhum no partido; sou simplesmente um soldado obscuro.

Posto isto, passo a refutar uma a uma as insidias de quem por traz de um F. foge cobardemente ao castigo que merece.

Pouco tempo depois de vir de Coimbra fui convidado pelo Sr. Emilio Estacio para ir administrar a pharmacia Estacio & C.ª, que era propriedade d'aquelle Sr. e do Sr. J. J. Gonçalves Ferreira. Em quanto se procedeu ao arranjo da casa, então no Campo Pequeno, alli tive occasião de estreitar relações com ambos os societarios que sempre me dispensaram a sua amizade, o que com o testemunho d'ambos posso provar. Mais tarde quando estes Srs. transformaram a sociedade em Companhia, como eu tivesse em sua mão parte dos meus ordenados e percentagens (approximadamente um conto de reis) pagaram-me em acções o que se prova vendo a escripta d'esse tempo.

Ha cinco annos vi-me forçado a alugar a escada ao lado da pharmacia porque tendo-a pedido ao Ex.mo Administrador da Ex.ma casa Cadaval para a Companhia Portugueza Hygiene, um dos directores me disse que a Companhia não precisava d'ella. Só mezes depois se poz a armação que não foi mandada fazer por mim conforme o marceneiro pode confirmar, nem dinheiro para ella, que creio foram trezentos e sessenta mil reis, foi pedido por mim, se *bem que foi garantido com a minha assignatura.*

Nunca tive por habito insultar nem ser grosseiro para pessoa alguma e por isso é calumniosa a frase que me attribuem para com o Sr. Ferreira, de quem nunca fui enfermeiro, mas sim amigo reconhecido e que, certo estou, será o primeiro a fazer-me justiça. Sabe todo o mundo commercial o que se passou no Tribunal do Commercio sobre este assumpto. Uma casa, que por pedido d'um sujeito que eu tinha na conta de amigo e que com o fim de o auxiliar tinha encarregado da loja, forneceu adubos de que a maior parte eu não sabia para onde tinha ido, não me julgando obrigado a pagal-os; apanhando o Tribunal de surpreza fez julgar uma firma que não existia, como quebra fraudulenta. Fui desligado do processo por ter sido pronunciado indevidamente. O processo ficou em aberto para o outro socio da firma imaginaria, que nunca foi incommodado nem o será por minha iniciativa, pois que sabendo que varias vezes tem estado em Lisboa, esqueci sempre os trabalhos por que me fez passar e o dinheiro que gastei. Paguei a conta da casa fornecedora dos adubos, ao procurador e ao Ex.mo Sr. Dr. Victor dos Santos que foi meu advogado e por isso não creio que sua Ex.ª dissesse que estava arrependido de tomar conta da minha defesa. Deve haver engano, troca de sal por assucar.

Nunca fui chefe de serviço mas sim chefe da agencia de compras, para que fui nomeado pelo Conselho d'Administração da Companhia Real; só um ignorante da forma como na Caixa de Socorros da Companhia Real são adqueridos os generos é que póde dizer que tinha connivencias com os fornecedores. Deixei de ser chefe da agencia de compras, por ter acabado, e fui nomeado chefe da repartição. Os meus Chefes de Serviço, presentes e preteritos poderão confirmar o que digo e se alguma vez deixei de cumprir com os meus deveres e de lhes tributar o respeito e consideração que lhes são devidos. Não me julgarão capaz de lhes fazer ausencias menos respeitosas como se insinua na tal anonyma correspondencia.

Tenho amigos em todos os partidos monarchicos porque a todos tratei sempre bem; prestei e presto insignificantes serviços sem olhar para côres politicas. Ligeiras discussões de principios acabam sempre a rir.

Mas, *ha sempre um mas*, não podemos ser agradaveis a todos. Julguei não ter inimigos mas tenho-os e sei onde estão. Sabe sr. Redactor porque os tenho? Elles o mostram no seu articulado accusatorio. E' porque fiz sempre guerra á incompetencia, á incapacidade á velhacaria e á torpeza.

Toda a gente que priva comigo conhece os meus instinctos «revolucionarios e sanguinarios» (sic) e por isso sr. Redactor a denuncia que o articulista faz deve ser aproveitada pelo Exm.º Sr. Juiz de Instrucção, que, se leu o artigo deve ter logo tirado por comparação que as outras insidias são tão verdadeiras como as do deposito d'armas em minha casa. O sr. Heitor Ferreira tinha e tem um quarto alugado do lado esquerdo (eu móro do lado direito), quarto que a policia revistou e sellou, intimando a dona da casa a ir ao Juizo de Instrucção prestar declarações. Porém o denunciante diz que é em minha casa chama a attenção, além do Juizo de Instrucção, do Senhorio e do seu advogado. E' na verdade ser muito baixo e muito vil. A denuncia é sempre repugnante, mas quando acompanhada de phantasias, e, só de phantasias formada, não tem classificação.

Meu filho tendo perdido o anno por faltas, pela grave e longa doença da Mãe que falleceu a 16 de Abril do anno passado, quiz logo que passou o nojo, concorrer ao logar de terceiros aspirantes das alfandegas; fui indagar o que fazer e disseram-me já ter terminado o prazo, no entanto fizesse o requerimento pois haviam mais nas mesmas condições, o Conselho Superior das Alfandegas reunia breve para examinar os documentos e que era muito possivel a exemplo das outras vezes, mandarem admittir o resto dos concorrentos. Assim foi e não como diz o calumniador. O exame que fez está clasificado por 5 membros do Conselho Superior das Alfandegas. Póde ainda comprova-lo o explicador da especialidade que o reputou um dos seus melhores explicandos.

Onde quererá chegar o escroc da honra alheia no final da sua secreção purulenta? Que idea fará elle do que seja um Paiz, uma Nação? Julga que os ha só de typos da sua laia? Infelizmente ha-os em toda a parte, mas para bem da humanidade abundam os homens honrados. Ha quem faça carreira pela intriga, calumnia & C.ª; esses são apontados e postos a distancia em convivio com os seus eguaes. Ha muitos mais que conquistam os seus logares na sociedade pelo trabalho honesto ou pelo estudo aturado e esses não são attingidos pela baba d'um mastim, raivoso que receia lhe tirem o osso que ainda julga ter que roer.

Tolere-me sr. Redactor ter-me alongado mais do que desejava e do que merece o phantastico calumniador denunciante e creia não tornarei importuna-lo ainda que o reptil volte a deixar escorrer mais a baba peçonhenta no seu ou em qualquer jornal.

Como essa boa alma ficaria satisfeita se conseguisse os seus desejos!

Agradece o que é de V. etc.

Alfredo Mella.

Sr. Director do *Povo de Aveiro*

Já V. deve saber pelos jornaes que acaba de enterrar-se no cemiterio do Alto de S. João, o corpo de um desventurado que se não foi assassinado em Cascaes, nem por isso deixou de ser compellido á morte pela mesma quadrilha em que se tramou a morte do pobre Nunes Pedro.

Quero referir-me ao fallecimento em Rilhafolles, de Thomaz Costal Ferreira Manso, jornalista republicano, propagandista e veneravel da loja maçonica *Paz*. Conheci-o muito bem e tive occasião de observar-lhe um pouco a psychologia, mas estava longe de pensar n'esta horrorosa serie de *etapes* que o levaram da fóme á loucura furiosa.

Era um d'estes homens facilmente suggestionaveis e impulsivos de quem, explorando-se-lhes o sentimento e o ideal, se pode conseguir tudo. Era, emfim, um d'estes ingenuos de quem os cynicos da força do Affonso Costa e outros, tudo podem fazer, ladrões, assassinos, dynamitistas, tudo, até esquecer a propria vida.

Por occasião de 28 de janeiro, andava elle a distribuir dynamite, coitado, creio que para não deixar morrer a familia de fóme.

Admirar-se-ha V. talvez da extranha moral que este caso encerra, mas ella é uma triste rea-

lidade. Este homem era entranhadamente republicano e pondo-se de harmonia com as ideias que expandia, incapaz de mudar de politica fôsse pelo que fôsse. Elle teve occasião de ver a triste realidade do que era a fraternidade pela qual á roda de si pugnavam os seus companheiros de lucta. E quer saber como? Oiça que é elucidativo.

Creou-se a escola de 31 de janeiro ahi para Bemfica de que é um dos dirigentes um pulhório chamado Derouet, que tendo dito de Magalhães Lima e do Silva Graça o que Mafoma não disse do toucinho, na gazeta que hoje pertence ao *Trinta* de Abrantes, foi depois servir para o *Seculo* e para a *Vanguarda*, debaixo da ordem dos que elle se fartou de espicaçar.

Como o Ferreira Manso era professor e tinha pedido o logar, lá o nomearam. Não sei bem ao certo o tempo que lá esteve nem porque sahiu, mas sei que se não demorou lá muito, escorraçado pelos correligionarios. Appareceu, depois, ahi redactor de uma gazeta. Na tal gazeta passou o pobre homem tratos de polé até que foi posto fóra e creio que muito caloteado. O que elle não viu ali! Mas nunca a sua bocca se abriu para narrar as vergonhas que outro me explicou por meudos.

Foi pouco depois que se tramou a revolução de 28 de janeiro. Não deve V. ignorar que houve muitos trabalhos pagos e creio que elle foi encarregado de alguns.

Acabou-se isso e o homem começou a passar necessidades e a faltar-lhe o trabalho. Elle era d'aquelles que preferia tudo a ter de denunciar a cambada. Por fim passava dias sem comer o que lhe exacerbou o espirito. No ultimo semestre não tinha dinheiro para pagar a renda (Aqui a narrativa ou parte do *Liberal* (que vae junto) (1).

E' preciso explicar que a subscripção (2) foi feita apenas entre os amigos pessoaes.

Para o enterro do pobre homem fizeram os canalhas os maiores reclames e annuncios porque no *Portugal* já se havia explicado que a loucura proviera da fome e do abandono.

O enterro foi concorrido e n'elle falaram varios oradores, entre os quaes o Bombardino Rachado e por fim o Agostinho Fortes. Este ultimo disse que todos haviam elogiado as diversas qualidades que em vida distinguiam o morto, mas que o mais importante a dizer, agora que elle para sempre descançava, era que deixara sem pão seis pessoas: a mulher, quatro filhos e sua velha mãe. Ficaram de cara á banda e apenas uma senhora se chegou ao pé do Agostinho Fortes a felicital-o porque elle havia sido o orador que ferira a nota precisa. Essa senhora chorava—era a mulher do senhorio do Ferreira Manso que sabendo a desgraça da pobre familia que elle cá deixava imaginou que as palavras do Agostinho Fortes, dariam em resultado algum auxilio ás pobres creaturas. Como se enganou a boa alma... D'aquelle já elles nada temem.

C.

(1) Refere-se a um artigo interessante do *Liberal*, que não podemos reproduzir por ter chegado muito tarde esta carta.

(2) De que falla o artigo do *Liberal*.

Um grito d'alma

Sr. Redactor

Sinto afogueadas as faces, o espirito em revolta, os olhos marejados de lagrimas ao escrever-lhe. Digo mais: sinto, n'esta hora, vergonha de ser portuguez.

Estou na peior das circumstancias: — entre a revolta que cria energias e o desalento que prostra e mata coragens.

Duas cousas eu desejava hoje: — viver no mais ignorado canto de Portugal sem saber ler ou então ter meios sufficientes para me expatriar.

Na doce paz da aldeia, moirejando de sol a sol o pão de cada dia, ouvindo o cantar das aves, respirando o aroma das flores campestres, á noite descançar nos braços amigos d'uma companheira rustica mas amoravel, nunca tocada d'uma tentação; na doce paz d'aldeia onde não ha as mentirosas convenções sociaes, onde não chegasse um echo da negregada vida d'esta cidade em liquidação; na paz d'aldeia... que delicia! que mago encanto!...

Eu não sentiria lá, sr. redactor, a face em chammas, o espirito em revolta, os olhos em lagrimas, pela fetida decadencia da minha patria, vilipendiada, escarnecida, deshonrada por algumas duzias de filhos que se tornaram padrastos, que depois de se locupletarem á custa de quantas commissões quizeram e que podiam ser o patrimonio de muitos, se julgam no direito de tripudiarem sobre a consciencia publica.

Que dor, que enorme dor me alanceia a alma ao ver esta patria minha amada afundada n'um mar de... lama! Isto converteu-se, na verdade, n'uma cloaca!...

Tenho quarenta e dois annos. N'este tempo vi praticarem-se vilesas politicas em barda.

Mas como a que agora acaba de praticar o governo d'este desgraçado paiz, passando a uma commissão de serviço publico o general Baracho, republicano confesso, que publicamente desacatou e desacata o chefe do Estado, ha pouco tempo castigado, passando agora de ministerio para burlar a lei... com a aggravante de ser para arranjar vaga para outro general... isto, sr. redactor, excede tudo quanto a antiga bandalheira canta! Tudo.

Que fedor! que nojo!...

Positivamente um paiz que tolera, uma hora, um ministro que sancciona um facto d'estes, não tem razão de existir.

E note-se que já não digo um regimen; digo um paiz. Um paiz, sim.

Aqui está um homem que passou a vida a mijar homens e que não tendo mais homens para mijar, mija o paiz.

Ora... e não me permitte a decencia concluir a phrase!

Eu procuro um qualificativo para este facto e não encontro uma palavra que exprima toda a minha indignação e que diga todo o nojo que isto causa.

Só o latego de Navarro completado com o altivo despreso de Cambrone esteriotipiam a minha revolta e o meu desprezo e a revolta e o despreso de todos os que ainda se não deixaram chafurdar n'este pantano de... lama em que asphyxia a Patria, por tal acto.

Ao ver este boato no seu jornal e em outros julguei blague carnavalesca; mas ao ver este boato convertido em facto, digo-o sem vergonha, chorei.

Chorei pelo rei, que vejo trahido pelos seus ministros; chorei pelo paiz que vejo perdido irremediavelmente.

Desgraçado rei, desgraçado paiz!...

Eu sei: — a maçonaria impoz-se e o sr. ministro dos estrangeiros cedeu, como bom maçon.

E, assim continuará! Emquanto houver ministros para quem todos os empregos e commissões são poucos, os que souberem fallar alto serão ouvidos, embora sejam Barachos. E' um circulo vicioso que não ha raio que o parta.

Isto é nojento e reles pelo que representa. Pulhas!...

Lisboa, 6-2-910.

X.

Guarda municipal

Sr. Redactor do *Povo de Aveiro*.

Tendo visto no seu conceituado semanario — que considero, como toda a gente sensata, um depurador dos costumes de que enferma a sociedade portugueza — uma local que attinge o coronel Malaquias e o tenente coronel Alvim, permitta V. lhe diga que, na parte relativa ao primeiro d'aquelles officiaes, nada ha, em boa razão, que o possa ferir nas suas qualidades de homem e de militar. Para elle todos os presos merecem a mesma consideração e desvelos. A este respeito não podem subsistir duas opiniões.

Em prol d'esta affirmação adduzo o seguinte:

Quando estiveram presos nos differentes quarteis individuos accusados de crimes politicos, foram estes sempre tratados com egual consideração pessoal, fossem elles doutores, fossem elles maltrapilhos,—e V. bem sabe que nos crimes politicos os doutores conjugam a sua sciencia com a dos maltrapilhos—a todos visitava diariamente por vezes, inquirindo das suas necessidades mais urgentes e procurando suavisar tanto quanto possivel as agruras de uma situação triste para alguns e sempre desgraçada para todos.

Com respeito ao Camello Neves procedeu da mesma maneira, isto é, não alterou a sua forma de conducta que é, em todos os casos, correctissima.

Fez V. muito bem em duvidar que elle fosse capaz de uma excepção que lhe podia acarretar desconceito publico.

Agora com respeito ao tenente coronel Alvim é facto que elle o tem recommendado, é facto que não acredita na grave accusação que pesa sobre o Camello Neves, mas tambem o que é facto é que a qualidade de official superior de policia não auctorisa aquelle a proteger uma individualidade ainda sujeita á acção da Justiça. Não obstante, este official tem bastante prestigio, por motivos que V. certamente conhece e aproveita essa situação para satisfazer todos os pedidos com que é attingido diariamente. Pode ser que o Camello esteja no numero d'aquelles a quem elle dispensa algum bem independentemente de petição.

Creia, Sr. Redactor, na sincera exposição de factos que tem a subida honra de lhe fazer um propagandista do seu admiravel estadulho—que tem feito baixar a pròa a muito tratante—e que sendo redigido por um desqualificado (na opinião dos bandidos) tem conseguido desqualifica-los, a todos, a todos sem excepção de côr politica.

Sou com muita consideração admirador da sua indomavel energia.

Justo

Está muito bem. Nada temos a objectar relativamente ao coronel Malaquias de Lemos, a quem nós chamámos general tão longe andamos já de coisas do exercito. Nada temos a objectar. Temos só que applaudir. Se é assim que trata os presos, com essa egualdade, egualdade perante a moral, perante a justiça, perante a lei, e com essa humanidade, só merece applausos, embora cumpra um dever. Depois, é bom ainda para provar a *macaquice* com que esses idiotas que se dizem revolucionarios vêem em Portugal despostas como na Russia e castellos de Montjuich como na Hespanha.

Relativamente ao tenente coronel Alvim, o caso, porem, differe. Não temos a menor animadversão a esse official. Nunca tivemos com elle o menor conflicto, ou, sequer, uma razão de palavras. Quasi que nem o conhecemos. Quasi que nunca falámos com elle. Em 1881 servimos um mez, como alferes graduado, em caçadores 5, onde elle era alferes effectivo. Era elle então *plebeu*. Hoje julgamos que é *quasi nobre*. Mas d'esse curto conhecimento ficou-nos a idéa nitida d'um feitio... de que nunca gostámos. Já então o alferes Alvim era protector de *todo o mundo*, começando por ser... *protector de si proprio*. Vê-se, da carta acima, que conserva o feitio. E é natural. *O que o berço o dá a tumba o leva*. Ora esse feitio, para official da Guarda Municipal, e official superior, é deploravel.

Mais nada, mais nada. E' deploravel! E nós estamos em tempo, já o dissémos, de pôr de parte os *pannos quentes*. Agora... é operar.

Fóra os *protectores*.

E que entrem em scena, com pulso rijo, os... *operadores*.

Coisas militares

Sr. Redactor.

Começou V. a falar de coisas militares, assumpto que tão profundamente interessa á ordem e defeza nacional, e absorvido por outros objectos, não tem dado a este aquelle tempo e cabimento, que da sua larga experiencia e competencia era de esperar.

Permitta-me pois que eu de leve toque um ponto para que chamo a sua attenção, e peço juncte a sua voz auctorisada á minha e á de tantos outros, que estranham este estado de coisas, verdadeiramente rotineiro, indisciplinador e escandaloso.

Quer V., e muito bem, que o quartel perca a má fama, que traz de longe, fama de aleijador e deformador da mocidade sã dos nossos campos, e se torne em terreno fertil de instrucção e educação, mantendo os bons habitos e tradições das familias e alargando os horisontes restrictos da população boçal pela melhor comprehensão do sentimento da solidariedade patriotica.

O medo do serviço militar desappareceria *ipso facto*, abrindo os olhos d'alma aos que vêem por fóra a instituição militar, e em logar de desclassificados e mandriões receberiam as nossas aldeias um contingente de pessoas mais bem preparadas, e abertas a todos as uteis innovações.

Ora pergunto eu, poderá uma familia, por via de regra, deixar de se desorganisar com a larga ausencia dos paes ou chefes? Evidentemente não. E' o pae o mais auctorisado vigia, protector e mestre dos seus; é a garantia social de formação ethica dos membros, que lhe pertencem. Diga-me agora V. o que virá a ser um regimento, a que faltam por um largo periodo de annos seguidos os officiaes superiores. Os erros e abusos perpetuam-se, se os ha, a rotina continua a fazer das suas, o deixa correr é o thema favorito das diversas figuras do quadro, só estuda e ensina quem tem um feitio excepcional, porque não ha estimulo. Esta é que é a verdade. Quem se importou jamais com um serviço que não é competentemente vigiado por quem de direito, que lhe não é attribuido por titulo proprio, mas de simples interinidade? De certo algum excentrico, ou de rara vocação para mandar homens, o que ha de mais difficil.

Eis precisamente o que tem succedido, e está succedendo em Bragança com o regimento de infantaria 10.

Pois bem, em quanto faltam ha muitos annos tres majores e o coronel vem de fugida (creio que não faltam nem no quadro nem no orçamento) quem aqui raras vezes deixa de estar é o coronel brigadeiro para receber as massas, dar um supapo de 4 contos de réis ao thesouro para nada ou quasi nada fazer. Esta entidade perfeitamente dispensavel, nicho volante do ministerio da guerra, está, passeia, assobia, canta se tem cordas vocaes para tanto, e capitalisa os pingues vencimentos, que a nação generosamente lhe liberalisa.

Isto é um cumulo de impudor e de sem vergonha!

Toda a gente de Bragança conheceu aqui um brigadeiro, cuja unica preoccupação eram os papeis de credito. Um verdadeiro marquez de punhos.

Com que direito o sr. ministro da guerra priva os corpos do respectivo pessoal? Se não é preciso, supprima-se. Mas se o é, esteja onde deve estar. S. ex.ª é o primeiro a dar o exemplo da indisciplina e do favoritismo a uma corporação, que por natureza e fim, não pode acceital-o sob pena de se inutilisar. Exemplo que vem de cima, do mais alto da escala hierarchica, e desce até ao ultimo degrau d'essa escala. Com que auctoridade s. ex.ª ha de castigar o desertor e punir faltas menos graves do que a deserção?

O soldado não está no seu logar; é castigado. Os officiaes estão onde querem, e ninguem lhes pede contas, ou fingem que lh'as pedem para cohonestar a situação. Uma fantochada. Então na vila militar uns hão de ir para onde os mandam, e outros hão de ficar onde querem?

Que lei, que moral é esta?

Isto assim não pode ser. Isto é mais grave do que parece á simples vista. O official não tem que se preocupar com o saber, o rigor da disciplina, o cumprimento integral dos seus deveres, nada d'isso, bastam as boas graças do ministro, do chefe do gabinete, do trunfo militar. E' por ahi a porta aberta para todos os favores, graças, benesses e distincções. O resto, malhar em ferro frio, trabalho em pura perda. Que é feito n'esta escola desmoralisadora do estimulo á virtude, theoricamente prégada no 1.º artigo do Regulamento, do premio aos bons serviços, da formação do caracter? Do caracter, sem o qual o homem é uma cousa, e o militar um rodilho, um bandalho. Repare bem n'isto, o sr. ministro da guerra, o mentor nato do exercito, o garante de sua disciplina.

Ora um exercito sem disciplina é uma frandulagem, cem vezes peior que a sua não existencia, porque é um perigo. Mexem-se os meninos bonitos para ficar? S. ex.ª faz uma escala e colloca na vaga que se der e onde se der, o primeiro que for promovido. Isto sem comtemplações. Já não haverá preferencias de commandos. Se o serviço exigir uma excepção, suba o caso ao conhecimento de uma juncta imparcial e digna.

Agora permittir s. ex.ª e favorecer com o seu consentimento a ausencia symptomatica de quantos majores e coroneis são promovidos para o 10 de infantaria é um attentado contra todas as regras do decoro e da decencia. O paiz tem olhos. E quem faz o serviço, que pertence a outros, mezes e annos seguidos, intimamente revolta-se, escandalisa-se e desmoralisa-se.

Eu sempre tenho pensado que a instituição militar em Portugal só chegará a um grau approximado do que deve ser, e é já em muitos paizes, quando for ministro da guerra um paisano. Só então terão fim os grandes abusos inveterados; só então os mutuos favores, contemplações e interesses de varias formas deixarão livre curso á justiça, á equidade, á lei. O melhor ministro da guerra da terceira republica em França foi um paisano, Freycinet. Um militar não tem as mãos livres para reger e obrigar a entrar na ordem amigos, camaradas, que ou são seus eguaes, ou, o que é mais grave, superiores, logo que expire o tempo do seu secretariado.

Não seria mau fazermos a experiencia. Bem sei que se não fará, porque não ha força para o fazer. Nem por isso deixarei de consignar este voto. Estou certo de que muitos abusos teriam fim, de que não gastaria tanto a nação, ficando aliás mais bem servida.

N.

A covardia nacional

Sr. Redactor:

Pedra a quem toca. Não foi o coronel Ramos da Costa quem *enguliu o marmelo crú* da readmissão das mulheres na fabrica da polvora em Chellas. Quem o *enguliu* foi o coronel Antonio Xavier Corrêa Barreto, director d'aquella dependencia do Arsenal.

Foi uma troca de nomes, que sinceramente lastimamos. Porem os factos passaram-se tal como aqui os narramos, e desafiamos todos a que com verdade, os desmintam.

Mas, sr. redactor, se não foi o coronel Ramos da Costa quem enguliu aquelle marmelo, não deixou por isso de engulir outro, não menos marmelo, nem menos crú.

E' este o caso: Ha entre o pessoal do Arsenal do Exercito, varios patuscos que se dizem *anarchistas, socialistas, republiqueiros* e mais não sei quê. Occultando a sua verdadeira e unica qualidade, que é a d'estupidos e malandros.

Pois ha tempos um operario que, com uma certa vivacidade, atacou a politica d'aquelles *patetas das luminarias*, que apenas a teem para commetterem toda a qualidade de patifarias e os maiores abusos, foi logo apontado como *thalassa e bufo* da policia. Não foi preciso mais nada. *O gajo é thalassa. Vae-se-lhe á figura.* E assim foi. Foi o *tesissimo* João *Pirralho* quem se encarregou do homem. Um dia, á sahida da fabrica, uma *rasteira* e duas *chapadas nas janellas e...* oh pés para que vos quero! Aquillo foi um ar que lhe deu, *por causa das moscas*.

A aggressão foi planeada entre o pessoal da fabrica do material d'artilheria. Averiguou-se perfeitamente tudo. Nomes de mandados e mandatarios. E de tudo se deu a competente parte aos directores.

Averiguou o coronel Ramos da Costa a verdade do occorrido e mandou que fossem castigados os auctores da proeza, seus subordinados, entre elles, o Gabriel, o Carlos Antunes, Salema e outros.

Pois o General Sequeira ordenou o contrario e os directores Ramos da Costa e Albano da Veiga *enguliram o marmelo* e não repontaram.

E pode V. ficar certo, que não foi porque a ordem fosse injusta. Foi porque o general Sequeira tem verdadeiro medo d'aquelles *maráus*.

Elles são quem alli manda. Mestres, contra-mestres, todos, emfim, estão completamente desauctorisados. Não ha ordem, não ha disciplina, não ha nada. E tudo por medo. Tudo! São os *papões* d'aquella gente.

Aquillo é um verdadeiro *chãos*. E no emtanto se apparece alli um director, mas um director que seja tambem um *teso*, e que não faça uma administração á *moda d'osga*, como todos teem feito, põe tudo aquillo em ordem, *com uma perna ás costas*.

Era facil. A' mais pequena laracha que aquelles *gajos* largassem era pol-os no olho da rua, que é a sala dos cães.

Mas não apparece e continua tudo n'aquella *vida airada*.

Commettem-se ali as maiores falcatruas e os mais extraordinarios abusos e quem tem por obrigação por côbro n'aquellas patifarias, faz vista *grossa e deixa correr o marfim*.

Todos esses escandalos serão o assumpto d'outra carta, se V. julgar conveniente que se saibam para edificação das gentes.

De V. etc.,

M. R.

DE LISBOA

8 de fevereiro.

Se n'esta triste e infeliz terra tem havido momentos que nos tem feito pensar em a abandonar por uma vez, outros tem havido que nos prendem a ella, mais pelo receio de não tornar a ver amigos, cuja amizade os annos tem vinculado indelevelmente, do que pela esperança de podermos ver a ressurreição de Portugal, ao menos esboçada.

N'esta série de correspondencias, procurámos desinteressadamente, combater a politica devassa e interesseira que tem vindo cavando a ruina do paiz e... (porque não dizel-o?) ajudar tanto quanto possivel o redactor do *Povo de Aveiro*, unica e exclusivamente por o vermos luctar a sós contra uma horda selvagem e interesseira, embora soubessemos que elle sabia brandir as armas da Razão e da Justiça, sempre difficeis de inutilisar. Um desfallecimento, uma hesitação das que nem os mais fortes estão livres, seria o sufficiente para o perder e com elle ir o luctador a quem a Patria já difficilmente pode pagar a abnegação e os serviços prestados.

Destruiram-se os idolos. Parecia finalmente que com o actual Juiz de Instrucção Criminal e ascenção do governo Beirão, composto da melhor gente do partido progressista, uma era de prosperidade se ia iniciar e que seria questão de tempo, para vermos o paiz a expandir toda a actividade que até pela demagogia revela. Fomos ingenuos em parte. O luctador continua; n'esta parte não nos enganámos, mas já não será este governo que coroará a obra. O prestigio do governo Beirão está por dias. Quando o publico souber o que é a reforma eleitoral que visa ao restabelecimento das nefastas oligarchias, que substitue a actual lei eleitoral por outra com circulos plurinominaes, continuando os deputados a serem nomeados pelo ministerio do reino, dará razão ao nosso brado:—*Só o exercito pode salvar o paiz!*— São já do dominio publico os termos geraes da nova *infamia eleitoral*, os progressistas e os regeneradores não lhe fazem opposição porque a sua representação parlamentar continuará a ser facil e barata, e os republicanos ainda que lhe façam opposição é para *inglez ver*, porque tendo alguns deputados certos por Lisboa, para o resto do paiz darão a razão que teem dado até aqui, isto é, não trarão a *maioria* dos deputados porque a lei, as prepotencias etc. etc., lhes viciam o suffragio; o que serve para lhes fortalecer a lenda de que todo o paiz é republicano!

O sr. Beirão continua convencido de que o paiz pertence aos partidos e não que os partidos é que devem ser do paiz; por isso não se oppõe a que a C. dos Deputados continue a ser uma assembleia de syndicateiros ou dos representantes d'elles, pagos pelas companhias com dinheiro arrancado ao thesouro; e com o protexto de que os circulos uninominaes favorecem o caciquismo local, que enrija pela lucta e até certo ponto indemnisa o eleitor pobre das contribuições que paga quando vende o voto por dez tostões, prefere o caciquismo official desmoralisador, que destroe o espirito partidario pelo paiz, que acha immoral que o eleitor receba os dez tostões e não impede que elles se accumulem ás centenas nas mãos dos deputados mais venaes do que aquelles que os deviam ter eleito; e que, afinal, serve os republicanos, porque ha muita gente por todo o paiz que se diz republicana por lhe dizerem: *isto está podre; experimente-se a republica, para ver se as coisas mudam*.

Nas linhas geraes, é esta a obra do sr. Beirão.

O mais interessante porem, é a obra do sr. Villaça que dizem: nunca ter tido más palavras nem boas obras; mas para se comprehender a *entrudada*: Villaça—Baracho—Moraes Sarmento; é indispensavel referir coisas que talvez lhe dessem origem. E' um facto que Baracho *morreu* e nem o sr. Villaça nem ninguem jámais conseguirá dar-lhe vida.

Já depois de ter sido remettido o cadaver para Elvas, ouviu-se a sua voz, mas os que por momentos pensaram que elle teria resuscitado depressa se convenceram que o que tinham ouvido era a voz de Baracho gravada nos gramophones Affonso Costa e França Borges que *desafiaram* a bater-se com uma *sombra* a Cardeira e Wenceslau. No emtanto Moraes Sarmento, que tambem é *jarreta*, promettia ha muito fazer o necrologio de Baracho na Camara dos Pares, com o fim manifesto de não ser attingido pelo limite de edade, o que o sr. Villaça agora confirmou.

Combinou-se a *panellinha*. Baracho mudaria de sepultura. Ganharia mais iria finalmente para uma commissão que para nada serve e onde nada tem que fazer, Moraes Sarmento não seria reformado, o governo conquistaria as boas graças de dois Pares e... o thesouro que gemesse. Isso pouco importa. Baracho que coma, pouco nos importa tambem. O que é interessante é que Villaça foi convidar Baracho, como diz o *Mundo* talvez para tambem conquistar as boas graças do jornal! Mas o que é interessantissimo é o que nos contam. Ahi vae a historia.

De todos os membros do ministerio o unico que offereceu resistencia á entrada para o governo foi o sr. Villaça. Não queria ser ministro e o sr. José Luciano teve quasi de impor a disciplina partidaria para o obrigar. Villaça cedeu mas jurou vingar-se e não perder a occasião de provocar a sahida do ministerio.

Este foi o primeiro passo: Villaça tudo fez e tudo resolveu sem dar conhecimento da nomeação de Baracho; nem ao chefe do governo, nem ao chefe do partido que por enquanto tem de *gramar* a audacia do sr. Villaça, mas não será esquecida para o pôr na rua na occasião opportuna. Agora perguntará o leitor: porque não quer o sr. Villaça ser ministro? Ahi vae a explicação que tambem não deve ser indifferente para os accionistas da Companhia de Moçambique. O sr. Villaça era e é director delegado da Companhia de Moçambique.

O facto de ter sahido da Companhia não lhe tirou o logar definitivamente, porque os companheiros sabem muito bem que lhes convem guardar a vaga para n'ellas continuar o que apparentemente os deixou para ser ministro. Para o logar d'elle entra outro director do numeroso *stok* que sustentam, mas o que sahiu *entende-se* com o substituto e os vencimentos continuam a entrar-lhe na algibeira. O sr. Villaça foi infeliz. Não só nunca gostou que o sr. Beirão formasse ministerio porque tambem quer ser chefe, mas tambem o seu substituto na Companhia de Moçambique parece não estar disposto a partilhar com elle os seis ou antes, os cerca de nove contos que a Companhia lhe paga annualmente.

Ora o sr. Villaça sempre doce e mavioso está fulo e anceia por sahir do governo, por ter mêdo de pela *pasta* perder a *posta*. Eis a origem da traição. Sabem os accionistas da Companhia de Moçambique a que devem a alta das acções? Não se illudam, se as compram baratas. Ellas que chegaram na Bolsa de Lisboa a 2.000 reis ou ainda menos e estão a 5.000 reis convidam á venda.

Creiam que a valorisação não poderá manter-se e que o sr. Villaça não fez prodigios de administração. Os territorios da companhia continuam improductivos,—as despezas de administração na Europa que baixaram de cem a oitenta contos são ainda um onos pesadissimo e embora os preços da borracha se mantenham ou subam, a quantidade que a companhia pode exportar ha de diminuir. Por uma *manobra* de Villaça com o governador dos territorios em Africa, Pinto Bastos, que teve de deixar o governo, para fazer tirocinio e quiz crear prestigio e nome de bom administrador para voltar a exercer o logar quando elle acabar, para augmentar o rendimento não fez com que as arvores que dão borracha fossem sangradas, mas muitas foram cortadas para darem tudo quanto podessem, principalmente na região do Maribane, o que no futuro reduzirá a producção.

Isto alem de tudo quanto geralmente dizem os relatorios das companhias africanas. Todas as verdades occultam e todas as pêtas dizem. De resto o sr. Villaça é coherente. Para taes republicanos taes monarchicos, para taes monarchicos taes republicanos. Para uma commissão no ministerio dos extrangeiros só um collaborador do «Mundo»; para secrerario do Juizo de I. Criminal o professor Camello recommendado pelo sr. Beirão; porque não hão de nomear o Margarido para a direcção geral das Alfandegas; o Bello Marreto ou o Camacho para a embaixada do Voticano; o Unha e Gosta e o Silva Graça para ajudantes do Juizo de I. Criminal, etc?

E' pena que o não façam porque este paiz é do que precisa. Não viram os proprios franquistas da camara dos Pares e dos Deputados, e os Pares feitos pelo Paço e os jornaes monarchos, metter a viola no sacco com respeito ao regicidio.

Não viram o Conde d'Arnoso, o unico que levantou a voz de protesto no parlamento, ter de se reformar e de se exonerar dos cargos que tinha no Paço para poder fallar?

Não viram no Domingo Gordo á noite defronte do Club Tauromachico quatro ou cinco garotos, *gravatinhas*, que nem a cathegoria de *matulões* merecem, dar morras aos *thalassas*, dizendo em altos gritos: *ladrões, assassinos;* vão dizer ao Espregueira que lhes dê mais dinheiro; até provocando o riso alvar de um policia que assistia impassivel ás provocações, sem que d'aquelle club, onde ha socios que tantas vezes teem arriscado a vida defronte de toiros sahisse alguem para fazer uma *péga de rabo* a um dos malandros?! Os socios do Club procederam bem; a pedradas de garotos não se responde com pedradas sem se descer; mas essa falta de assomo de qualquer socio que não precisaria fazer uso do bico da bota não revelará a mesma depressão moral, que fez com que Cardeira descesse na tardia punição do Baracho, que Villaça cahisse ainda abaixo d'elle premeando o *Mundo* na pessoa de um collaborador que devia ser submettido á Junta Moral do Exercito, a não ser que primeiramente rehabilitassem reintegrando nos postos respectivos os que ella tem excluido da fileira?!

Ha ainda uma maneira de os fazer entrar na ordem e de restabelecer a moralidade do Poder. Cada paiz não pode administrar-se como quer. As nações civilisadas teem de intervir, como teem feito mais de uma vez, para salvar este povo, porque cada paiz tem de se administrar como deve.

Foi o extranjeiro que impoz a necessidade de se acabar ou se atenuar a escravatura em S. Thomé; ainda ha dias o ministro do Brazil dirigiu ao Governo Portuguez uma nota para elle obrigar o Governador Civil de Braga a metter a camara municipal na ordem porque um dos arrendatarios do hotel e das aguas de Caldellas é subdito brazileiro; ha de ser elle tambem quem cá ha de vir dar leis.

Só esta ideia atormenta os politicos e lhes faz vibrar o patriotismo... da algibeira. A entrada do extrangeiro, que já exige que o rendimento das alfandegas seja guardado á parte e fóra das suas vistas, é o unico mal que receiam; porque o facto importa a extincção das conesias e dos fartos morgadios. A porta está aberta. E' convidal-o a entrar. Entre a salvação do povo portuguez e o triumpho das oligarchias que escravisam a maioria dos portuguezes não ha que hesitar.

Se o Exercito nos não quizer salvar. A' morte os devassos, antes que todos chafurdemos em... trampa! O *Diz-se* do *Mundo* tem razão de existencia. Audacia e sempre audacia é o que é preciso.

—†—

Uma explicação é devida ao digno director do *Povo de Aveiro* e aos leitores. Esta serie de correspondencias, que muitos teem attribuido a certo Padre Cypriano, que não temos o gosto de conhecer, paga, a 50$000 réis por mez, quando nem a estampilha do correio, nem o papel nem a assignatura do jornal deixa de ser pago por *Ignotus;* vão terminar ou talvez ser interrompidas, porque temos de mudar de tactica, occupando-nos em outros serviços; e pelo seguinte: A politica ingleza é coadjuvada por associações politicas, religiosas, espiritualistas e agrupamentos particulares mais ou menos numerosos que actuam por suggestão. Imaginem os leitores que em Lisboa, achando-se reunidos cinco amigos, que o são desde a infancia e alguns desde o banco das escolas, mas amigos que se correspondem quando separados e o são como irmãos o podem ser; conversando em politica e lembrando-se um d'elles de nos constituirmos em grupo, á ingleza, a ideia foi lodo apoiada. Resolveu-se que constituiria-mos um grupo tendo por divisa: *Severidade para si e tolerancia para os outros.* Reuniriamos todas as semanas pelo menos uma vez em casa de qualquer dos do grupo e ahi se tomariam deliberações e seriam relatados os trabalhos de cada um na semana anterior. As deliberações seriam tomadas por maioria absoluta. Isto é, logo que, dos cinco, quatro approvassem o outro teria de se submetter, sob pena de ser expulso do grupo, o que importaria a perda de amizade e a quebra de relações com os restantes membros, alem da perda de todas as quantias com que tivesse entrado para o cofre do grupo. Embora em parte gastas, os restantes membros repol-as-hiam para entregar a totalidade a associações de beneficencia e assim vincar melhor a censura e a expulsão do reprobo. Para a approvação dos actos individuaes, o grupo funcciona como tribunal, em que o julgado não pode fallar em sua defesa.

Expõe quanto praticou e sae da sala, não entrande n'ella sem estar lavrado o *veredictum*. E' um grupo humanitario, constituido por gente que vive dos seus rendimentos, que faz grandes despesas para levar a sua acção a todos os meios e a todas as sociedades e que dispõe de agentes em differentes centros, muitos d'elles sem sabe rem que o são. Nenhum dos membros é Padre, e talvez tenha tido conhecimento, que, por mais de uma vez, actos que elle tem provocado são attribuidos *á clericalha!* Esta explicação, julgada necessaria para se comprehender o que se vae dizer, seria completa se dissessemos ou podessemos dizer tudo quanto mil um meios nos trazem ao conhecimento. Temos processos e *dossiers* interessantissimos e completos quanto possivel, que um dia serão publicados, para o que se espera a opportunidade. Dissemos que o *Mundo* tem policia sua; que tem agentes nos tribunaes e na policia; e não ha ainda muitos dias foram demittidos dois juizes auxiliares do Juizo de Instrucção

Criminal; sem que a imprensa até hoje tenha apreciado o caso nos termos em que o devia fazer. Continuamos a affirmar que ainda ha mais agentes nos tribunaes e... até no Paço; e a seu tempo as provas appparecerão.

Não precisamos fazer reclame á finura e á sublileza da nossa policia, porque só nos prejudicariamos com elle; mas podemos *assegurar* que temos o processo do regicidio quasi completo; ha ainda umas pequenas soluções de continuidade que hão de desapparecer. A morte do Salgado de Vendas Novas, que a policia deixou suicidar, em vez de o ter trazido para Lisboa, como ha muito tempo referimos, causou-nos transtorno, mas tudo se supre. O processo está quasi prompto, e até talvez a historia do engraxador que morreu *suicidado*, da tentativa de Setubal, etc. etc., ha de ser publicado em francez no estrangeiro para os credores saberem quem lhes administra o dinheiro, e a Liga dos Direitos do Homem, de Paris, proceder, e os revolucionarios d'alem fronteiras saberem o que realmente foi o crime do Terreiro do Paço. Isto se o Juiz de Instrucção Criminal não puder seguir por *melhor* caminho, visto faltarem peças importantes no *Processo do Regicidio* algumas das quaes temos em nosso poder. *Temos em nosso poder!* Documentos ha que para mais segurança estão guardados no estrangeiro . . . mas tudo apparecerá opportunamente. Além do processo do regicidio ha outros importantes ainda não concluidos. O de Homem Christo é que findou e d'ahi o terminarem estas correspondencias. Homem Christo como todos os injustamente perseguidos são protegidos pelo nosso grupo, sem que esperemos gratidão e agradecimentos que lhes não debitamos. Procedemos de *motu proprio* combatendo pela dissolução e por suggestão o que é mau e nada mais, sem que deixemos de ajudar a justiça no que merecer punição; como os incendiarios da Magdalena, o regicidio, as associações secretas etc. Vamos ao caso Homem Christo. Por um dos muitos agentes de que cada um dos cinco que compõem o grupo dispõe individualmente, que se não conhecem entre si etc., soubemos que em certa *alfurja* de malfeitores se fallou em lhe tirar a vida. Tanto bastou para inquirirmos das qualidades de Homem Christo. Por Vizeu, Guarda, Aveiro, Lisboa, Porto e Coimbra soubemos o bastante para por unanimidade ter sido resolvido que elle merecia a protecção do grupo.

Nenhum de nós conhece Homem Christo nem sequer de vista. Possuimos um retrato seu que está reproduzido e andou pelas mãos de agentes, mas não o conhecemos. Para dar um signal certo de que é verdade o que dizemos, podemos dizer que do nosso *dessier* fazem parte as mais extraordinarias declarações de um official que foi sargento da companhia de Homem Christo, em infanteria 23, de appellido Albuquerque; que as prestou sem saber o fim a que ellas se destinavam e que provam que Homem Christo foi sempre correcto, fazendo a favor da instrucção mais do que era obrigado, o que teria determinado *certas más vontades;* mas . . . adeante. O regimen de protecção a que Homem Christo foi submettido importou grandes despesas, pois até foi preciso *fazer* maçons e republicanos que entraram para as *alfurjas* e os sapateiros e alfaiates estão caros como o diabo; mas de tudo sabiamos. Ha *alfurjas* de malvados e tambem as ha de idiotas; e mixtos, de malvados e de imbecis.

Os mentalisadores ficam em casa, mas já estiveram por duas vezes para ser apanhados e qualquer dia cahem. Em uma *alfurja* de idiotas foi resolvida a morte de Homem Christo, em principio, conforme ordens recebidas. A forma ficou para determinado dia porque era preciso fallar com F. e F. por causa *dos meios.* Soubemo-lo á meia noite da noite da reunião.

Logo no dia seguinte foi o caso submettido á nossa reunião e resolvido que se ensaiasse a *historia dos ratos* antes de empregar outros processos. Assim foi ensinada a *historia dos ratos* ao nosso agente socio da *alfurja,* elle soube reproduzil-a, o que deu o melhor resultado. Os idiotas pela primeira vez pensaram e contiveram-se. A historia é a seguinte: Os ratos de certa casa reuniram-se um dia em comicio e resolveram matar o gato unico que havia na casa, que os dizimava. A morte do gato foi resolvida em principio. Elles eram duzentos e o gato um; a morte era certa. Mas um dos ratos mais ponderados, disse: nós andamos separados, o gato vem devagar e vae-nos papando um a um. Um rato radical disse logo: põe-se-lhe um guiso ao pescoço. Sentimol-o, juntamos-nos e elle é victima. Apoiado disseram todos, mas quando se tratou de escolher o rato que lhe havia de pôr o guiso nem os radicaes appareceram. Queriam que fossem os outros. Aqui está como a nossa acção evitou que Homem Christo, tivesse talvez de arrebentar algum malandro desvairado ou de levar alguma navalhada. Estes são os processos que empregamos. A suggestão é um calmante poderoso e tambem um excitante, quando é preciso para a consecução do nosso objectivo que nunca é malefico. Com a ida para S. Julião da Barra, de Homem Christo, em outra *alfurja* fallou-se na liquidação do homem pelo veneno, estes eram mais cobardes. Preparou-se o antidoto, fez-se com que a suspeita entrasse no commandante da Praça, e até talvez Homem Christo tivesse tido conhecimento d'ella pelas offertas de alimentos idos de fora da Praça. O envenenamento não se deu mas houve a tentativa. Emquanto Homem Christo esteve em Lisboa esteve sob vigilancia. Hoje está livre da perseguição dos *alfurjas*, não precisa da nossa protecção que sempre ignorou e não sollicitou, á qual não deve agradecimentos e por isso a correspondencia é interrompida. Temos de nos occupar de outras coisas, mas se julgarmos necessario cá voltamos a bater á porta.

Homem Christo deve ter sempre cuidado. Das *alfuljas*, por agora, nada receie. Nós cá estamos para o prevenir. Isto é uma politica e uma terra que merece o *Dia,* o *Mundo* e o *Seculo.* Etc.

Ignotus.

O comêta d'Halley

Até que afinal os homens sapientes
acabam de firmar as suas conclusões:
Do tal comêta d'Halley affirmam, conscientes,
ja terem descoberto as proprias dimensões

O núcleo *é monstruoso (informam de Berlim);*
da cauda ultra-brutal é grande a extensão;
o núcleo *faz lembrar o rabo do Alpoim,*
e a cauda — quasi, quasi — a pênca do Beirão.

Ouvi accrescentar que o gajo é tão manhôso,
que quer abiscoitar a série de comêtas,
que giram na Parvonia em roda do Gazôso.

Se isto assim é . . . se isto não são trêtas,
lá vaes ó Alijó no rabo luminoso,
. . . e vão ficar de vago uns centos de retrêtas.

M.

ARSENAL DO EXERCITO

Recebemos o seguinte, que publicamos para, como já n'outra parte d'este periodico fica accentuado, não privar ninguem do direito de defesa quando legitimamente exercido. Devemos, porem, advertir o signatario, de que temos a maior confiança no nosso informador, que reputamos um homem de bem, incapaz de faltar á verdade. E como elle conhece muito bem as coisas do Arsenal do Exercito, elle responderá.

Senhor.

Os corpos gerentes da Associação de Classe dos Fabricantes d'Armas e Officios Accessorios, profundamento impressionados com o ataque que o numero 1345 do seu jornal *O Povo de Aveiro* dirige a dois nossos consocios, e cuja campanha evidencia com bastante clareza o objecto de prejudicar as reclamações que esta Associação faça de futuro ás entidades dirigentes do Arsenal do Exercito, veem por este motivo pedir a V. a lealdade de se esclarecer o assumpto em questão e ao mesmo tempo provar-lhe que um seu informador teve a malevola intenção de illudir V. na sua boa fé para de melhor forma satisfazer os seus intuitos pessoaes.

Não pretendemos com estas nossas explicações defender os individuos tão injustamente atacados no artigo que V. publicou no seu jornal sob o epigraphe "Covardia Nacional„ porque elles são bastante fortes para prescindirem da nossa defeza. Mas o que não podemos deixar sem reparo, é o facto de se inserirem n'um jornal affirmações tão calumniosas, que não só teem unicamente o fim de indispôr os superiores do Arsenal do Exercito contra nós, mas tambem o não menos importante objectivo de offender dois membros da nossa Associação, que sempre nos honraram com a sua lealdade.

E, para confirmarmos estas expressões e accentuarmos mais nitidamente a forma honrada e digna como os nossos consocios José de Jesus Gabriel e Carlos Antunes teem representado a nossa Associação, bastará dizer a V. que, já depois de lhes ser melhorada a sua situação dentro do Arsenal pela ordem 283 de dezembro findo, esses nossos camaradas, receberam, por unanimidade um voto de confiança da classe na assembleia geral do dia 30 de dezembro p. p. sendo ambos eleitos n'essa sessão para membros da Commissão de Representação Official.

Passados dias como tivessem escrupulos em estarem á frente dos negocios da Associação, formularam umas escuzas aos cargos para que tinham sido escolhidos, e esta collectividade não só não lhes acceitou as escuzas pedidas como tambem os reelegeu n'outra assembleia afim de lhes comprovar ainda mais a confiança que mereciam.

Não se persuada V. que para estas assembleias apenas tivessem sido convidados os quinhentos e tantos socios d'esta Associação. Não senhor. Todo o pessoal do Arsenal do Exercito foi convidado por meio de circulares directas.

Ninguem se apresentou n'essas assembleias a invectivar os individuos que receberam augmentos de vencimento, nem tão pouco sobre esse respeito houve qualquer allusão aos superiores do Arsenal. Outra cousa se não esperava, embora estivesse ali representado um bom nucleo da parte mais intellectual do pessoal do Arsenal do Exercito.

Effectivamente quão ridiculo não seria, haver alguem que censurasse o facto de serem uns quatro companheiros augmentados com mais 50 a 150 reis nos seus vencimentos! O individuo que isto fizesse revelava ser um acanhado de espirito, exuberantemente demonstrava a sua incompatibilidade comnosco, que constantemente clamamos contra a má remuneração ao trabalho da classe trabalhadora. Para nós é sempre motivo de regozijo vermos melhorada a situação d'aquelles que produzem. E quando, por qualquer motivo, não se possam melhorar as condições de vida de todos os individuos ao menos que haja alguns que aproveitem beneficios. *Do mal o menos possivel.*

Pondo de parte quaesquer considerações n'este sentido, entraremos na analyse das razões que determinarem augmentos de vencimento aos torneiros João Maria dos Santos, José de Jezus Grabriel e Carlos Antunes.

Com respeito ao nosso consocio José Augusto da Camara, nada diremos a proposito do *grande* jornal de 700 reis nos dias uteis. Chega a parecer impossivel que haja alguem que se preoccupe com cousas tão comesinhas! 700 reis! Grande fortuna para um operario habilitadissimo. E ainda ao caso do seu *Povo de Aveiro* dizer que este Camara é *um dos taes,* cumpre-nos dizer que nos corpos gerentes só ha dois membros que mal o conhecem. Tal é a importancia que tem tido dentro da vida d'esta Associação. Adeante. Com referencia aos tres torneiros em questão, são elles operarios bastante antigos na Fundição de Canhões pois contam perto de 20 annos de casa e não obstante este facto percebiam apenas o salario de 750 reis nos dias tueis. (Porque os operarios aqui não ganham diario como informa o seu jornal). E, ao mesmo tempo que estes torneiros com tanto tempo de casa percebiam um salario tão diminuto, outros individuos havia que, com egual e menos tempo de serviço, auferiam salarios de 900 a 1$000 reis. Comprehende? Dentro do mesmo officio existiam operarios do quadro com muito menos antiguidade que venciam 700 a 730 reis. E não imagine V. que esta desegualdade fosse resultante de algum castigo. Succede até, que um dos torneiros tem exemplar comportamento e todos finalmente são dotados de bastante habilidade, havendo entre elles, um que no anno de 1908 obtivéra o premio de D. Maria Pia, e portanto era uma injustiça conservar-se ainda com vencimento de 2.ª classe.

Outro facto não menos importante para V. apreciar até que ponto iam estas disparidades, que deprimiam estes e continuam a deprimir ainda outros artistas muito antigos, era o caso de terem sido admittidos, ainda não ha muito tempo, torneiros que tendo poucos annos de officio ficaram vencendo o jornal de 700 reis.

Para que V. comprehenda melhor o motivo porque os torneiros Santos, Gabriel, e Antunes, tinham pouco jornal devemos dizer-lhe que este facto fôra originado pela escassez de vagas que durante muito tempo se fez sentir no quadro de torneiros. Em consequencia d'isto tiveram os torneiros em questão e ainda outros seus collegas um forte atrazo nos seus vencimentos por terem esperado 6 a 9 annos a sua altura no quadro a que actualmente pertencem. Foi pois derivado d'este atrazo de vencimentos que os operarios João Maria dos Santos, José de Jesus Gabriel, e Carlos Antunes se decidiram a reclamar individualmente a equiparação dos seus vencimentos. Este caso passou-se ha cousa de 14 mezes e nenhum dos torneiros em questão desempenhava qualquer cargo n'esta Associação de Classe.

O sr. Costa Cabral de Quadros que era então o director da Fundição de Canhões ouvindo a pretensão dos tres operarios achou-a muito justa e aconselhou-os a dirigirem-se ao sr. Inspector do Arsenal. Os operarios assim fizeram, e ficaram muito satisfeitos com a resposta que este cavalheiro lhes deu.

Havia decorrido bastante tempo que este facto se tinha dado, quando subitamente os socios da Associação de Classe, se lembraram de eleger para presidente da assembleia geral e para a Commissão de Representação Official, respectivamente os nossos camaradas José de Jesus Gabriel e Carlos Antunes.

Este ultimo desde a hora que entrou na commissão nunca mais tratou de regularisar a sua situação no Arsenal. Passados dois mezes da Fundição de Canhões se tornar dependencia das officinas de Braço de Prata, foi o Gabriel chamado ao sr. sub-director Leopoldo Rodrigues, o qual lhe deu conhecimento de ter apoz a entrega da fabrica recebido uma reclamação d'elle, e de mais dois operarios, e por a considerar muito justa havia de tratar d'ella. Depois d'este facto o nosso camarada Gabriel procurou duas vezes o sr. Inspector para se informar da sua justa pretensão. Por conseguinte nunca se fez representar como membro da Associação de Classe n'este caso, não obstante esta collectividade estar sempre disposta a coadjuvar moral e materialmente todos os casos de esta ordem, visto que o seu espirito é auxiliar tudo quanto tenha por objecto melhorar as condições da vida dos seus associados.

Aqui tem V. como os casos se passaram e desde já pode estabelecer o contraste com as falsas declarações malevolamente expostas no seu jornal.

Ha ainda outras asserções que merecem reparo para V. poder mais facilmente observar a requintada maldade do auctor da carta, que ha pouco lhe foi enviada.

Em primeiro logar devemos esclarece-lo que não é verdade haverem superiores medrosos dentro do Arsenal do Exercito.

E se nos teem attendido algumas reclamações é por as considerarem muito razoaveis e justas. Não ha concessão alguma que nos tenham feito, que não seja proveniente de um aturado estudo e de uma profunda observação que tenha por base a conveniencia de serviço.

Alem d'isso os representantes da nossa Associação primam por serem muito correctos e delicados, e por tal motivo e ainda pelas circunstancias humilissimas em que estão colocados, jamais poderiam fazer imposições aos seus superiores.

Poderá haver um socio mais exaltado que dentro d'uma assembléa geral se exceda, cousa esta muito frequente em assembléas de operarios; poderá mesmo haver algum que possa apreciar d'uma forma mais rude um acto de qualquer official superior do Arsenal, mas o que é certo é que os nossos superiores estão tão altamente collocados que nem sequer reparam n'isso attendendo mesmo á falta de illustração da classe trabalhadora.

Estes casos são rarissimos.

Mas quando porventura isto succede, ha sempre camaradas nossos dotados de um espirito mais reflectido e ponderado que immediatamente tratam de refrear e acalmar essas exaltações.

A nossa Associação tem sempre mantido uma attitude tão ordeira e prudente que muito tem concorrido para grangear geraes sympathias dos dirigentes do Arsenal do Exercito.

O sr. general Silva Ramos, chegou muitas vezes a dizer que a nossa Associação de Classe era precisa e que era a entidade que melhor sabia disciplinar o pessoal do Arsenal.

Dito isto passaremos a provar não ser verdadeira a affirmação publicada no seu jornal de ter o sr. General Sequeira mandado chamar alguem d'esta Associação para apresentar desculpas.

O presidente da assembléa geral em que se protestou contra o regulamento, é que tendo conhecimento de que o sr. inspector do Arsenal estava muito indisposto com a Associação, procurou-o para lhe demonstrar que eram destituidas de fundamento umas inconveniencias que se dizia terem sido proferidas n'essa sessão.

Tambem é falso o facto do seu jornal asseverar que o nosso camarada Gabriel fizera quaesquer referencias desagradaveis aos superiores do Arsenal do Exercito.

O nosso consocio Gabriel que era o presidente d'assembléa geral havia sido eleito para este cargo exactamente por ser um dos homens de espirito mais sereno e ponderado que possue a nossa classe.

Foi elle quem acalmou a justa indignação levantada no pessoal a proposito do cerceamento das suas regalias quando se publicou o regulamento de 30 de Junho de 1909 e que concorreu para que muito delicada e respeitosamente a commissão conseguisse a obtenção de melhorias que se encontram estipuladas no vigente regulamento do Arsenal do Exercito.

Diz ainda o seu jornal, que na fabrica da polvora em Chellas foram despedidas umas mulheres pelo sr. Ramos da Costa, e que devido a isto se queixaram ao Gabriel e ao Carlos Antunes e que d'este caso resultou uma desconsideração para o sr. director d'este estabelecimento.

Pois nada aconteceu d'este modo.

Isto não passa de ser mais uma covarde aleivosia.

De facto houve umas mulheres que foram despedidas, e como estas sejam dotadas de pouco expediente devido á sua pouca cultura, houve alguem que as aconselhou a irem ter com a commissão de melhoramentos da classe para esta se encarregar do assumpto. A Commissão dirigiu-se muito dedicadamente [como sempre] ao sr. inspector e appelou para os sentimentos generosos de S. Ex.ª afim de mandar admittir essas desgraçadas creaturas que arrastam uma vida de miseria.

O sr. inspector que é um homem dotado de um coração bem formado, condoendo-se da sorte d'essas infelizes combinou com o sr. director Barreto a admissão d'essas pobres operarias.

E agora compete-nos dizer que o sr. coronel Ramos da Costa não poderia ser chamado para esta questão visto que nunca foi director da fabrica de Chellas.

Finalmente o auctor da carta que V. publicou é um mizeravel calumniador, um repugnante deturpador das intenções mais nobres e mais bellas que se possam produzir na sociedade.

Poderiamos refutar ponto por ponto todas as insinuações contidas n'essa carta se isso valesse a pena; e V. tinha depois occasião de apreciar as mentiras e os exaggeros d'esse infame arrazoado.

Em todo o caso V. para não cahir n'outra cilada fica desde já prevenido, afim de, na boa fé, não ser instrumento de questões pessoaes que devem ser simplesmente derimidas pelos individuos que as levantam.

Esperando que V. dê publicidade a este nosso documento, desde já nos confessamos muito gratos e obrigados

Sala das sessões dos corpos gerentes da Associação de Classe dos Fabricantes de Armas e Officios Acessorios.

Lisboa 3 de Fevereiro de 1910.

O presidente da Mesa d'Assembléa Geral

Evaristo Marques Esteves

P. S. Caso V. queira informar-se da veracidade das nossas affirmações, não teremos duvida em remettermos copias de actas de esta Associação e outros documentos respectivos.

O presidente

Evaristo Marques Esteves

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento, 102 a 104; Kiosque Flor d'Esperança, rua D. Carlos I. F. Gonçalves, Rua de S. Bento, 181; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza aos Pantistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; F. G. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho, 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Kiosque da avenida superior da ponte de D. Luiz I; Tabacaria Alberto Ferreira, rua Alexandre Herculano, 256; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa, 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis. **Moita do Ribatejo**—João Baptista Mouro. **Vizeu**—Kiosque do Rocio. **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Agencia de Publicações de Antonio de Neutel C. da Mesquita. **Alpedrinha**—Manuel dos Santos Tarouca. **S. Domingos de Carmões**—Joaquim Marques de Carvalho Junior. **Pavia**—José Couto Segundo. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Caiça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D-Cabral, Tabacaria Aurea. **Villa de Nova Baronea**—José Custodio Figueira. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**—**Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira, **Torres Novas**—João Rodrigues Sentieiro. **Amarelja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Montemór o Novo**—Fortunato Reinato. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Guimarães**—Antonio Araujo Salgado. **Braga**—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres **Vianna do Castello**—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Povoa**—José Couto Segundo, **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Figueira da Foz**—João Palhas, Mercado n.º 8. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Manuel Gonçalves Anacleto. **Guarda**—José Antunes de Figueiredo. **Cadaval**—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço**—Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Macieira de Cambra**—Domingos d'Albergaria **Alcochete**—Joaquim Valentim **Santarem**—Vende-se nas ruas **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Angeja**—José Maria Martins dos Santos. **Castello de Vide**—Antonio Lourenço Veliz. **Villa do Cano**—Antonio Martins Florentino. **Serpa**—Celestino Alhinho. **Louzã**—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Mattosinhos**—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouveia**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp **Leiria**—Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho, Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade—o *Varino.* **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria. **Villa Nova d'Ourem**—Antonio José Pereira. **Vianna do Alemtejo**—Joaquim Antonio Carvalho. **Sattam**—José da Cunha Marques. **Escalhos de Cima** (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares. **Lagôa**—(Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luis Fillippe d'Abreu. **Bragança**—Affonso Augusto Teixeira, Rua do Norte. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas.

BRAZIL

Rio de Janeiro—Centro de Publicações de Giaulorenzo, Schettino, Travessa do Ouvidor.

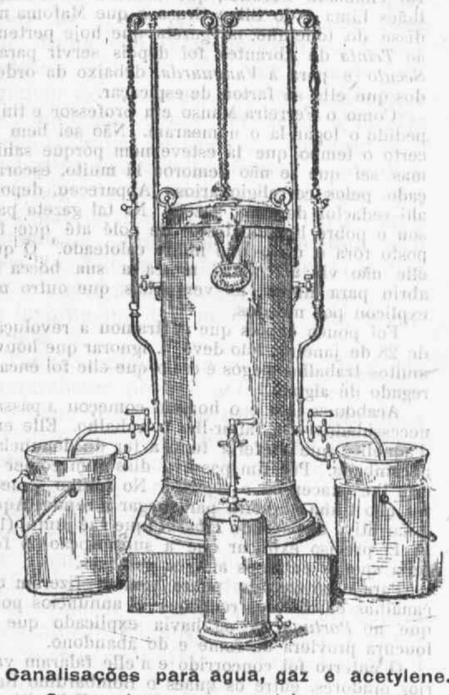
Manaus—Agencia Freitas.

Belem do Pará—Centro de Publicações.

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene. Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª

LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA

TYPOGRAPHIA VENDE-SE a do antigo *Districto d'Aveiro* em magnifico estado, com muita abundancia de typo e mais material e um bom prelo. Trata-se com qualquer dos advogados d'esta cidade, Drs. Antonio Fernandes Duarte Silva e Cherubim Valle Guimarães

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.

Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489**—PORTO.

SUCCURSAL

383—Rua Formoza—385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

TRABALHOS COMMERCIAES

Typographia a vapor DE O POVO DE AVEIRO

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.º*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento